

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE PEDIATRIA**

Laura Franchini Campos de Pinho

**ADOLESCER: CRESCER PARA (QUÊ)?
“Por que no mundo não existem apenas crianças?”**

Belo Horizonte

2021

Laura Franchini Campos de Pinho

ADOLESCER: CRESCER PARA (QUÊ)?

“Por que no mundo não existem apenas crianças?”

Monografia de especialização apresentada ao Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Especialista em Saúde do Adolescente.

Orientadora: Prof. Dra. Mônica Assunção Costa Lima

Coorientadora: Dra. Lilany Vieira Pacheco

Belo Horizonte

2021

Pinho, Laura Franchini Campos de.
P654a Adolescer [manuscrito]: crescer para (quê)? "Por que no mundo não existem apenas crianças?". / Laura Franchini Campos de Pinho. - - Belo Horizonte: 2021.
48f.
Orientador (a): Mônica Assunção Costa Lima.
Coorientador (a): Lilany Vieira Pacheco.
Área de concentração: Saúde do Adolescente.
Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Adolescente. 2. Puberdade. 3. Sinais e Sintomas. 4. Uso Recreativo de Drogas. 5. Dissertações Acadêmicas. I. Lima, Mônica Assunção Costa. II. Pacheco, Lilany Vieira. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. IV. Título.

NLM: WS 460



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE SAÚDE DO ADOLESCENTE

UFMG

ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DA ALUNA LAURA FRANCHINI CAMPOS DE PINHO

Realizou-se, no dia 01 de junho de 2021, às 16:00 horas, Plataforma on-line Zoom, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada *Adolescer: crescer para (quê)? "Por que no mundo não existem apenas crianças?"*, apresentada por LAURA FRANCHINI CAMPOS DE PINHO, número de registro 2018697352, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em SAÚDE DO ADOLESCENTE, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Monica Assuncao Costa Lima - Orientador (UFMG), Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha Grillo (UFMG), Prof(a). Nádia Laguárdia de Lima (UFMG).

A Comissão considerou a monografia:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 01 de junho de 2021.

Prof(a). Monica Assunção Costa Lima (Doutora)

Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha Grillo (Doutora)

Prof(a). Nádia Laguárdia de Lima (Doutora)

AGRADECIMENTOS

À **Deus**, que me conecta aos outros e ao que está vivo em mim, e que me transcende.

Aos meus pais, que me ensinaram a construir e a defender meus pontos de vista.

Ao Lucas, por seu meu amparo, me amar e caminhar comigo.

À **Helena**, por seu humor e curiosidade pela vida, que reascende a infância que existe em mim e me permite errar mais do que me permito.

Aos adolescentes, que causam meu desejo pelo trabalho e pela escrita.

À **Mônica Brandão**, por escutar minhas aflições e incitar a escrita do que não sei.

À **Mônica Lima**, que no emaranhado das minhas linhas, apostou na minha escrita e me ajudou a encontrar o fio da meada.

À **Lilany Pacheco**, por me auxiliar a encontrar um ponto de basta.

À **Cristiane Cunha**, por ser inspiração e por me acolher em sua janela da escuta.

À **Nádia Laguardia**, por sua precisa e clara transmissão daquilo que não termino de entender, mas que aos poucos parece se inscrever.

- Você aí, menino, para onde vai essa estrada?
- Ela não vai não: nós é que vamos nela.
- Engraçadinho dum figa! Como você se chama?
- Eu não me chamo não, os outros é que me chamam de Zé.

(Paulo Mendes Campos, Continho, 2002)

RESUMO

A escrita desta monografia nasce do encontro com meninos em situação de vida nas ruas e em uso abusivo de drogas que, apesar de terem passado pela puberdade, parecem não ter entrado na adolescência. A metodologia utilizada para desenvolver os principais argumentos consistiu em uma pesquisa bibliográfica, entremeada por fragmentos clínicos. Nossa análise se baseou na tese de Alexandre Stevens (2004), segundo a qual a adolescência é um sintoma da puberdade, em interlocução com a reflexão de Domenico Cosenza (2015), que argumenta que há uma dificuldade nos adolescentes contemporâneos em sintomatizar a puberdade. Partindo dessas proposições, e levando em consideração que na clínica não conseguimos localizar esse sintoma em alguns sujeitos, trazemos fragmentos clínicos que nos levam a considerar a ideia que Freud (1916-1917) chamou de *hilfskonstruktionen*, termo que toma emprestado do escritor Theodor Fontane. Buscamos sustentar, portanto, que na ausência da adolescência enquanto sintoma em seu sentido metafórico, e frente ao desamparo suscitado na puberdade, alguns sujeitos encontram outras soluções para ir além do uso de drogas e da trajetória de vida nas ruas, sustentando um viver possível, podendo tais soluções funcionarem como um amparo ou, em termos freudianos, como construções auxiliares.

Palavras-chave: Adolescência. Puberdade. Sintoma. Desamparo. Uso de drogas. Vida nas ruas. Construções auxiliares.

ABSTRACT

The motivation behind this monograph arises from the encounter with boys living on the streets and abusing drugs who, despite having gone through puberty, seem not to have entered adolescence. The methodology used to develop the main arguments consisted of a bibliographic research interspersed with clinical fragments. Our analysis was based on the thesis developed by Alexandre Stevens (2004), according to which adolescence is a symptom of puberty, in connection with the reflections of Domenico Cosenza (2015), who argues that there is a difficulty in contemporary adolescents to symptomatize adolescence. Starting from these propositions, and taking into account that, based on clinical experience, we were unable to locate such a symptom in some subjects, we refer to clinical fragments that lead us to consider the idea that Freud (1916-1917) called *hilfskonstruktionen*, a term borrowed from the writer Theodor Fontane. We argue, thus, that in the absence of adolescence as a symptom in its metaphorical sense, and facing the helplessness brought about in puberty, some subjects manage to maintain their lives by finding other solutions that go beyond the use of drugs and the trajectory on the streets, and which may function as a protective support, or in Freudian terms, as auxiliary constructions.

Keywords: Adolescence. Puberty. Symptom. Helplessness. Drug use. Life on the streets. Auxiliary constructions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ADOLESCÊNCIA: UM CONCEITO SOCIAL E HISTÓRICO	13
3 A ADOLESCÊNCIA PARA A PSICANÁLISE	16
3.1 A puberdade e suas metamorfoses segundo Freud	18
3.2 O que a sintomatologia freudiana nos ensina a partir das neuroses atuais.....	23
3.3 Da época do pai à falência dos ideais: desprender-se de quem? Onde segurar?	25
3.4 A adolescência e o despertar para Lacan	27
4 ADOLESCÊNCIA, SINTOMA DA PUBERDADE?	31
5 AS CONSTRUÇÕES AUXILIARES ENQUANTO ESCOLHA PELA VIDA: O QUE A CLÍNICA NOS ENSINA.....	35
5.1 A construção auxiliar de uma rede e de um território	35
5.2 A construção auxiliar de um interesse pela vida.....	38
5.3 Uma possível construção da adolescência?.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A escrita deste trabalho parte de perguntas suscitadas no atendimento a adolescentes em situação de vida nas ruas e em uso abusivo de drogas que cometeram um ato infracional e foram encaminhados para o cumprimento de uma medida socioeducativa determinada judicialmente. Deste modo, partimos do contexto de uma política pública voltada ao atendimento de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas na cidade de Belo Horizonte, mas a proposta deste trabalho vai além das particularidades do acompanhamento na execução desse serviço de atendimento. Não temos como objetivo explorar as nuances de cada caso, motivo pelo qual mudamos seus nomes e omitimos algumas informações para preservar a identidade de cada adolescente. Ressaltamos o essencial a fim de transmitir o que cada caso nos ensina. Partindo desse ponto, mas indo além dele, propomos apontar para algumas perguntas sobre a adolescência que se originam nesse contexto, mas não se restringem a ele. Para isso, trazemos pequenos fragmentos de casos que nos ajudam a circunscrever as principais questões que apresentamos neste trabalho, mas que não necessariamente trazem respostas em seu horizonte. Mais que nada, são perguntas que nos causam e nos colocam a trabalho.

Um dos impasses que se apresenta no atendimento a esses adolescentes se refere à eleição, feita por alguns deles, do uso de drogas como aparente solução, que tem como efeito um apagamento do sujeito, que algumas vezes se cala ou se ausenta para não ter que se haver com uma questão que lhe atravessa. Ao escutá-los, uma das hipóteses que se erige é que o uso da droga e da rua podem estar a serviço de um não querer saber sobre o “adolescer”, momento no qual algumas vezes o sujeito se vê sem auxílio, sem recursos. Partindo dessa proposição, o objetivo deste trabalho é apresentar algumas saídas construídas pelos sujeitos para ir além do uso de drogas e da trajetória de vida nas ruas e sustentar um viver possível, podendo tais soluções funcionarem como *hilfskonstruktionen*, a saber, “construções auxiliares” – nos remetendo ao termo que o inventor da psicanálise Sigmund Freud toma emprestado do escritor alemão Theodor Fontane em sua XXIII Conferência sobre “O caminho da formação dos sintomas” [1916-1917]/(1996); e ao se referir ao “Cândido” de Voltaire e seu conselho para cultivarmos nosso próprio jardim, em “O mal estar na civilização” 1930[1929]/(2007). Destacamos a passagem da conferência, quando Freud propõe um paralelo entre a fantasia e uma reserva natural, sendo ambas construções auxiliares que “protegem” o sujeito da realidade:

‘Simplesmente não podemos passar sem construções auxiliares’, conforme disse, certa vez, Theodor Fontane. A criação do reino mental da fantasia encontra um paralelo perfeito no estabelecimento das ‘reservas’ ou ‘reservas naturais’, em locais onde os requisitos apresentados pela agricultura, pelas comunicações e pela indústria ameaçam acarretar modificações do aspecto original da terra que em breve o tornarão irreconhecível. Uma reserva natural preserva seu estado original que, em todos os

demais lugares, para desgosto nosso, foi sacrificado à necessidade. Nesses locais reservados, tudo, inclusive o que é inútil e até mesmo nocivo, pode crescer e proliferar como lhe apraz. O reino mental da fantasia é exatamente uma reserva desse tipo, apartada do princípio de realidade. (FREUD, 1916-1917, p.100).

Inspirados em Freud, acreditamos que outras construções auxiliares podem servir como um anteparo, no lugar da fantasia e do sintoma, soluções encontradas pelo sujeito para sustentar um laço possível com o simbólico, supondo que, nem sempre, um sujeito pode fazer da “adolescência uma resposta sintomática da puberdade”, tese do psicanalista belga Alexandre Stevens (2004). Sendo assim, entendemos que alguns sujeitos constroem outras saídas para dar conta da angústia gerada no encontro com as metamorfoses do corpo púbere, mas sem o anteparo da fantasia, sendo necessário outros arranjos, ancoragens, fios e laços, algumas vezes invisíveis, mas que sob o olhar e escuta do analista, podem costurar o sujeito dentro da cena; sendo o fora da cena a vivência do que Freud [1895]/2007, nomeia como *hilflosigkeit*, o desamparo, (res)suscitado pela puberdade, que o coloca frente a um lugar vazio de sentido, um não saber sobre a sexualidade e o enigma do desejo do Outro¹, temas que iremos abordar no desenvolvimento deste trabalho.

Propomos, portanto, escutar o que a clínica contemporânea nos ensina acerca das adolescências, entendendo que o uso do plural nos permite pensar que algumas vezes a puberdade não tem como resposta a adolescência enquanto um sintoma. Segundo Stevens (2013), quando a adolescência se prolonga, isto é, quando não culmina com uma escolha articulada ao significante através do sintoma, aparecem as saídas problemáticas, tais como a toxicomania, a anorexia, a bulimia, entre outras. Entretanto, nossa hipótese brota do encontro com alguns sujeitos que parecem não entrar na adolescência. A evitação aparece em seus corpos de criança, que não querem crescer; e no jeito pueril, nas brincadeiras infantis e na fuga de um enlace com o Outro, elegendo a droga e a rua como artifícios para lidar com o mal estar desse (des)enlace.

Uma pergunta que se formula é a seguinte: por que a resposta de alguns sujeitos ao despertar do real nas metamorfoses do corpo da puberdade não parece ser a adolescência enquanto sintoma? Tentando nos acercar a um entendimento, buscaremos apreender que algumas construções não contam com uma cena fantasmática ou fazem um uso precário da fantasia enquanto suporte do sintoma. Para sustentar esse argumento, nos remetemos ao

¹ Segundo Freud 1900[1899]/(2007), o lugar do inconsciente, *ein anderer Schauplatz*, se refere a outra cena, situada fora do campo da consciência e que só tem acesso a ela através de suas formações: sonhos, atos falhos, sintomas. Para Lacan, o Outro é o lugar da cadeia significante, onde o sujeito está implicado e de onde lhe pode ser formulada a questão de sua existência, pois o Outro comporta uma falta (LACAN, 1998, p. 555).

psicanalista italiano Domenico Cosenza (2015), quando ele propõe que há, no adolescente contemporâneo, uma dificuldade em fazer uso da fantasia e o conseqüente impasse que então se estabelece no processo de “sintomatização” da puberdade.

Freud 1895[1894]/(2007), muito precocemente em sua teoria, ao apresentar as neuroses atuais como um ponto fora do dispositivo analítico, nos apresenta como a pulsão pode se satisfazer por fora do sintoma e da fantasia que este suporta enquanto uma forma de aceder a uma satisfação substitutiva, lógica que nos parece similar a dos sintomas atuais, pois ela evidencia o autoerotismo da pulsão.

Para sustentar algumas proposições à problemática apresentada, partiremos de uma pesquisa bibliográfica para trabalhar a diferença entre puberdade e adolescência no campo social, histórico e para a psicanálise. Desde este campo teórico, iremos abordar a puberdade e suas vicissitudes enquanto metamorfoses do corpo a partir de Freud e como despertar, segundo o psicanalista francês Jacques Lacan. Em seguida, apresentaremos a tese de Stevens (2004) que sustenta a adolescência enquanto sintoma da puberdade, acompanhada da reflexão de Cosenza (2015) sobre como se constrói a adolescência na época do Outro que não existe, da falência dos ideais, para tentar ir um pouco além da referida tese, propondo que em alguns casos o uso de drogas *despuberiza* o sujeito, que apresenta outras construções, por excelência singulares, para dar conta do trauma que o despertar da puberdade no corpo lhe causa, sem a regulação do simbólico, com efeitos também no tempo e no espaço da vida desses sujeitos.

Inspirados pela noção de desamparo em Freud, nos perguntamos então sobre a possibilidade de que em alguns casos o sujeito, na entrada da puberdade e não apenas na saída, se desvia do caminho da adolescência enquanto sintoma ligado ao significante e à função paterna, e apresenta outras respostas sintomáticas, desligadas do campo do discurso e articuladas a outro modo de gozo. Nessa perspectiva, buscaremos ensaiar uma aproximação entre a puberdade e o *hilflosigkeit* para, em seguida, tentar extrair algum saber sobre como outras construções auxiliares podem funcionar como um amparo e permitir a um sujeito uma amarração, uma ancoragem, uma escolha pela vida.

Apresentaremos, portanto, através de fragmentos de casos, algumas saídas encontradas por diferentes sujeitos que, para além do uso abusivo de drogas e da trajetória de vida nas ruas, apontam para uma resposta construída de modo singular para viver ou para não morrer. Uma escolha pela vida através de fios, ancoragens, redes e o desenho de um território; construções auxiliares delineadas por cada um, que podem servir como bússola no acompanhamento.

Pensando na escrita como um jogo, como nos propõe o escritor argentino Julio Cortázar (1995) em seu “Jogo da Amarelinha”, nos permitimos alguma liberdade ao escrever, saltar entre

um e outro quadrante, escolher uma ou outra via entre tantas possíveis e, como as regras do jogo propõem e a juventude nos ensina, também nos autorizamos a arriscar e porventura deixar alguns lugares vazios tentando, entretanto, sustentar algum laço entre eles. Como as ondas do mar que insistem em ir e voltar, o movimento dessa escrita parece às vezes seguir o mesmo fluxo, na tentativa de extrair algum saber.

Nesse esforço de pensar a puberdade e nos aproximar de um saber sobre as adolescências, o leitor atento poderá perceber que, algumas vezes, optamos por acentuar a diferença terminológica entre adolescente e púbere, e a eleição dos termos fará sentido ao longo do texto.

2 ADOLESCÊNCIA: UM CONCEITO SOCIAL E HISTÓRICO

A adolescência não é um conceito psicanalítico, nos adverte Stevens (2004). Segundo este autor, apenas no início do século XX, o termo é inserido no discurso para identificar um período da vida diferente da infância e da fase adulta. Mas se por um lado é um termo sociológico, seu uso psicológico vem sendo expandido ao longo do tempo, especialmente através da tão repetida expressão “crise da adolescência”.

De acordo com a psicanalista Hebe Tizio (2008), enquanto categoria social a adolescência designa uma faixa de idade variável segundo o tempo e a cultura. Sendo assim, não se trata de um conceito universal, pois suas características, assim como duração, refletem diferentes contextos. Como exemplos, a autora cita o caso das sociedades capitalistas pós-modernas, em que o período da adolescência parece se estender cada vez mais diante das esparsas oportunidades de trabalho e, incluímos aqui, do prolongamento dos estudos para capacitar o jovem à uma atividade laboral e à fase adulta em sociedades cada vez mais complexas. Por outro lado, há também a realidade de famílias mais vulneráveis, como as brasileiras, em que o trabalho infantil marca uma continuidade da infância à fase adulta e, nesse caso, estreitam ou fragmentam o tempo da infância e da adolescência.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, ainda temos o agravante de não contar com rituais de passagem simbólicos que marcam a passagem da infância à adolescência. O professor e psicanalista Marcelo Pereira (2015) afirma que, nas sociedades pré-modernas, as crianças eram lançadas à idade adulta através de ritos de passagem que tinham uma eficácia simbólica, o que não se aplica à sociedade moderna. Segundo o cientista social português José Machado Pais (2009), em sociedades antigas, os ritos de passagem, como a circuncisão, marcavam a transição dos jovens para a idade adulta. Nas sociedades contemporâneas, o casamento e a conquista de um trabalho são momentos importantes para a entrada no mundo adulto, como também o serviço militar, que “fazia de um rapaz um homem”. Contudo, hoje em dia, de acordo com esse autor, são mais fluidos os aspectos que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases de vida.

A antropóloga Lucia Helena Rangel (1999) analisa como se caracteriza a adolescência em algumas sociedades indígenas brasileiras, nas quais ela não se configura como uma fase social ou psicológica. Em sua pesquisa, ela observou que os jovens indígenas iniciam um processo ritual a partir do momento em que seus corpos dão sinais de que estão aptos para a procriação; e suas habilidades para o encontro sexual são adquiridas em um processo educativo de acordo com o gênero sexual. A comunidade indígena promove essa passagem através de um

ritual de iniciação que se inicia, para as mulheres, a partir do surgimento das características corporais femininas, como a primeira menstruação; e para os homens, a partir das mudanças evidenciadas no corpo, como a altura e a produção de espermatozoides, o que pode levá-los, tanto as meninas quanto os meninos, a iniciarem o ritual de passagem a partir dos nove ou dez anos e concluí-lo em até cinco anos, quando serão reconhecidos como adultos.

Philippe Ariès [1960]/(2017), um historiador francês interessado em observar a vida cotidiana, dedicou um importante estudo sobre a história da infância e da família. Ele nos ensina que o conceito de adolescência só se tornou uma construção possível após o surgimento do “sentimento da infância” por volta do século XVI. Segundo Ariès, na sociedade do Antigo Regime, a consciência da “particularidade infantil” que diferenciava e valorizava, positiva ou negativamente, a criança em relação ao adulto, não existia. A princípio, a criança adentrava no mundo dos adultos assim que se tornava relativamente independente da mãe ou da babá. Devido à alta taxa de mortalidade infantil, a criança não era valorizada enquanto sujeito até o momento em que apresentava condições de sobrevivência.

O primeiro sentimento de infância, que correspondia à ideia de uma infância curta, surge no século XVI quando a sociedade, especialmente no seio familiar, passa a valorizar a personalidade das crianças e seu particular jeito de ser: ingênuo, gentil e gracioso. Elas passam a ser “paporricadas”, segundo expressão do próprio autor, e são fonte de distração e relaxamento para os adultos que a cercavam (ARIÈS, 2017).

Entretanto, de acordo com o historiador, esse sentimento passa a ser criticado no fim do século XVI, quando começa a surgir um sentimento de hostilidade em relação às crianças, advindo especialmente dos padres, educadores e moralistas. A presença das crianças entre os adultos passa a incomodar e propõem a separação das mesmas para serem educadas, impondo assim a existência de uma infância mais longa. Começa a surgir um interesse psicológico e moral sobre elas, exigindo que as crianças fossem disciplinadas, pois se continuassem a ser mimadas, se tornariam indivíduos mal-educados. Segundo Ariès (2017), esse segundo sentimento da infância serviu de inspiração para a educação até o século XX, além de dar origem também à psicologia infantil, pois ao conhecer melhor a criança, seria mais fácil corrigi-la.

Com esse mesmo objetivo disciplinar, a sociedade do século XVIII, conhecido como o “século da razão”, passa por importantes mudanças sociais e econômicas e começa a se preocupar também com a higiene e a saúde dos indivíduos. Um corpo frágil estava suscetível à preguiça e ao vício sendo, portanto, improdutivo e imoral. A infância passa a ser institucionalizada através da introdução, cada vez mais contundente, da escola na sociedade de

uma forma geral; e com isso se prolonga um pouco mais, implicando depois em uma distinção entre uma primeira infância mais longa e a infância escolar, quando a criança entrava no mundo adulto (ARIÈS, 2017, p.109). Fica evidente, de acordo com Ariès, que a duração da infância, assim como a diferença entre suas idades, se orienta em nossa sociedade em torno das instituições (2017).

Deste modo, Ariès nos adverte que durante o período medieval a adolescência não se distinguia da fase adulta. Entretanto, mesmo quando a escola passa a fazer parte da vida de um número maior de crianças no século XVII, existia uma mistura das idades, em que estudantes de 10 a 25 anos frequentavam a mesma classe até o fim do século XVIII. O período denominado pelo autor como “segunda infância-adolescência” começa a ser diferenciado a partir do estabelecimento progressivo da relação entre idade e classe escolar. No final do século XVIII, através do alistamento militar e, no fim do século XIX, a partir da difusão das universidades entre os membros da burguesia, a adolescência e a juventude passaram a ser distinguidas da infância (ARIÈS, 2017).

Cabe ressaltar, segundo o autor esclarece, que nas camadas mais populares, em que as crianças não tinham acesso à escola, algumas características da Idade Média perduraram. A preocupação com a formação moral e intelectual no âmbito escolar estava restrita aos membros do clero no período medieval e posteriormente à burguesia. Do mesmo modo, a “valorização” e separação da infância com relação ao mundo adulto, que se inicia no século XVI, era uma realidade das classes mais proeminentes da população. Em alguns aspectos, podemos relacionar essa situação à que presenciamos hoje nas sociedades capitalistas, incluindo o Brasil, em que “a ausência de separação entre a segunda infância e a adolescência nas classes populares [não opõe] o fim da infância, a adolescência e a maturidade” (ARIÈS, 2017, p.115) e favorece, entre outros fatores sociais e econômicos, que o trabalho infantil, informal ou não valorizado, esteja presente na vida de crianças, adolescentes e jovens pobres, negros e da periferia, que muitas vezes não chegam a completar o ensino fundamental.

3 A ADOLESCÊNCIA PARA A PSICANÁLISE

Que vai ser quando crescer? Vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou? Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível, ser? Dói? É bom? É triste? Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas? Repito: ser, ser, ser. Er. R. Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso escolher? Não dá para entender. Não vou ser. Não quero ser. Vou crescer assim mesmo. Sem ser. Esquecer.
(ANDRADE, [1973]/(2012), p.39).

Por que no mundo não existem apenas crianças?

Por que o mundo não é como um desenho animado?

(João, 16 anos).

Trazemos esses fragmentos de poesia entendendo a agudeza de Freud ao afirmar que a arte antecipa a psicanálise e nos ensina que, tanto uma como a outra, são formas de tratar o real, ou dar-lhe um contorno. Para Lacan, “aquilo a que nos dá acesso o artista é o lugar do que não pode ser visto – e resta ainda nomeá-lo” (LACAN, 2003, p.192). Neste ponto, a poesia de Carlos Drummond de Andrade e a questão de um menino artista nos aproximam ao entendimento do que é crescer, precisamente quando não se sabe, neste momento paradigmático da vida que é a puberdade, e os efeitos da “mais delicada das transições”, expressão que o psiquiatra e psicanalista Philippe Lacadée (2011) toma emprestado do poeta Victor Hugo para dar nome ao seu livro.

O título do poema de Drummond, “Verbo Ser”, nos remete ao seu oposto, não ser. A etimologia da palavra “verbo” significa em si mesmo “palavra”. Em sua definição na gramática da língua portuguesa, “verbo” designa um processo ou alteração de um estado (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2011). Ser, em termos filosóficos, significa a existência de uma coisa: “tudo o que existe é ser”. A psicanálise, por sua vez, nos ensina que o sujeito não é, pois ele aparece na falha, no equívoco. Nas palavras de Lacan, “o sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante” [1966]/(1998), p.849), engendra o lugar vazio entre eles na cadeia significante e surge como efeito desta. Quando Lacan começa a utilizar o termo *façasser*, ele não abandona a noção de falta-a-ser, nos adverte Colette Soler (2009), mas passa a considerar o ser do sujeito referido ao real ou à pulsão como causa do inconsciente.

O termo *adolescer*, em sua origem latina, significa “crescer para”. O *adole(ser)*, portanto, aponta para uma mudança, um processo, alterações de uma condição anterior, mas também para uma pergunta pelo ser, no justo momento em que as transformações corporais na puberdade fazem vacilar a imagem do corpo de criança, mas também as identificações constitutivas do sujeito até então, inclusive da fantasia infantil, e podem apontar, mas nem sempre, para uma construção possível e singular orientada a partir de um ideal que inclui a alteridade. O que o sujeito supunha ser cai por terra e outros significantes deverão ser colhidos e semeados no campo do Outro, por meio de um “grande trabalho psíquico”, nos adverte Freud [1905]/2007.

A poesia livre de João anuncia perguntas que apontam para a angústia que lhe causa o “crescer para” (quê)?; e um desejo de permanecer em algum lugar protegido da infância, aquele tempo em que se acreditava ser, ou se supunha saber sobre o ser, a partir das identificações com as figuras que compunham o entorno e que lhe davam um suporte imaginário. Entretanto, no momento do despertar da puberdade no corpo, o suporte fantasmático, por vezes precário, parece não dar conta de representar o encontro com o que Lacan proferiu em 1974, ao introduzir seu último ensino, como “*Il n’y a pas de rapport sexuel*” e que seus leitores traduzem como “não há relação sexual”. O que o psicanalista francês quer nos transmitir é que não há, entre os seres humanos, uma relação de complementariedade, para decepção daqueles que ainda sonham encontrar a sua metade da laranja. Essa impossibilidade de um encaixe entre os seres falantes existe devido à ausência de um saber ou de um manual que nos ensine sobre como agir diante de um parceiro sexual, ou como fazer existir uma relação harmoniosa entre ambos. Isso fica mais claro quando observamos os animais, que sabem instintivamente, ou aprendem com mais facilidade, como se alimentar após o nascimento, nadar, voar ou caminhar precocemente, e se acercar à uma fêmea ou macho para reprodução, sem mal-entendidos. Mas, se por um lado não há saber no Outro sobre o que fazer quanto ao sexo, não podemos prescindir dele, pois para tentar construir alguma relação com um parceiro sexual, o ser humano precisa passar pela palavra, ainda que não dita.

Os dois fragmentos de poesia escolhidos para introduzir este capítulo são constituídos de perguntas, próprias do momento da puberdade, paradigmático desse despertar do estranho no corpo em suas metamorfoses, e frente ao desejo do Outro; um (re)encontro com o desamparo próprio do ser falante. Inspirados pela poesia e pelas perguntas sobre a adolescência, nossas e daqueles que vivenciam esse peculiar momento da vida, apontamos e apostamos nas construções auxiliares e singulares de cada um para dar conta desse real que se apresenta na puberdade e que faz furo no saber, e no ser.

3.1 A puberdade e suas metamorfoses segundo Freud

No campo da psicanálise, seu inventor nos ensina que a puberdade é um segundo tempo da sexualidade, que se inicia na infância. O filósofo e romancista Jean-Jacques Rousseau indica, no quarto livro de sua obra “Emílio ou Da Educação”, em 1762, que nascemos “duas vezes, uma para existir [...] e outra para o sexo”, e descreve esse segundo momento “prescrito pela natureza” de forma poética: “assim como o mugido do mar precede, de longe, a tempestade, essa tumultuosa revolução se anuncia pelo murmúrio das paixões nascentes” ([1762]/(2017), p.247).

Partindo desses preceitos, é importante retomarmos as considerações freudianas sobre esse tema, desde esse primeiro tempo da sexualidade, no qual tem lugar a identificação sexual e a escolha de objeto para, em seguida, abordarmos a puberdade e suas transformações.

Desde os primórdios de sua prática clínica como psicanalista, ao escutar suas pacientes histéricas, a relevância dada por Freud aos fatores sexuais vivenciados na infância na origem dos sintomas foi fundamental para sua posterior investigação sobre a sexualidade. Ao longo de seus estudos, sua pesquisa sobre o tema foi se aprofundando através do livro sobre os sonhos (1900), quando ele constata que as forças responsáveis por sua formação eram expressão de moções sexuais infantis, fundamentalmente um desejo infantil. Portanto, a base sobre a qual se constrói a teoria sobre a sexualidade são as manifestações sexuais na infância, que por excelência revelam os caracteres essenciais da pulsão, a saber, o autoerotismo, seu apoio nas funções de conservação da vida e sua satisfação na zona erógena.

Nos “Três ensaios sobre teoria sexual” [1905]/(2007), Freud introduz de maneira contundente o conceito de pulsão na teoria psicanalítica através da análise das manifestações da sexualidade infantil. Essas intelecções foram retomadas posteriormente em seu texto “Pulsão e seus destinos” [1915]/(2007), no qual ele finalmente define a pulsão como um “representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam o psiquismo, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao anímico por consequência de sua ligação com o corporal” (FREUD, 1915, p.117, nossa tradução).

Em “Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses” 1906 [1905]/(2007), Freud traz importantes contribuições acerca da sexualidade. Afirma que as fantasias de sedução de suas pacientes histéricas eram uma tentativa de se defender da lembrança da própria prática sexual, a masturbação infantil. Paralelamente, Freud também descobre, em sua autoanálise, a estrutura do complexo de Édipo e percebe que as fantasias

sexuais tinham quase sempre como tema os pais, o que confirma através de seus próprios sonhos.

Anteriormente à sua formulação do conceito de pulsão, o fator sexual como constitucional do ser humano não estava em jogo na causação das psiconeuroses, na medida em que a sexualidade era supostamente despertada por um adulto, e o traumático estaria nessa precoce introdução. Freud sobrestimava a frequência da sedução por adultos ou crianças maiores na história infantil, mas a partir da análise de suas pacientes e de sua própria autoanálise, pôde compreender que os sintomas não expressavam retornos diretos das lembranças recalcadas de vivências sexuais infantis, mas sim que entre um e outro se intercalavam as fantasias como invenções de recordações produzidas regularmente na puberdade.

Em contraposição à ideia do despertar da sexualidade na criança através de um adulto, Freud (1905) elucida, de modo detalhado, suas observações que o levam a concluir pelo infantilismo da sexualidade. Ele observa na criança uma sensação de júbilo proporcionada por determinadas atividades que ela realiza e que estão ligadas ao corpo, como a sucção, o ato de defecar e a masturbação. Em razão disso, destaca que a pulsão sexual da criança é ainda independente da função de reprodução e define a vida sexual infantil como essencialmente autoerótica, na qual as pulsões parciais buscam alcançar prazer cada uma por sua conta, completamente independentes uma a respeito da outra – fase chamada de pré-genital. Estabelece, finalmente, que a disposição sexual constitucional da criança é perversa polimorfa.

Freud (1905) observou também que, primeiramente, a pulsão sexual tinha um objeto fora do próprio corpo. Na fase que ele nomeia como oral, esses objetos são o seio materno ou o leite, que o bebê acreditava ser parte do próprio corpo; e com isso conclui também que a primeira satisfação estava ligada à nutrição. Quando, posteriormente, o bebê se dá conta da existência da pessoa que cuida dele, a quem pertence o objeto que lhe proporciona satisfação, a pulsão perde este objeto externo. O corpo, agora *erogeneizado* e separado do outro, passa a ser também fonte de prazer.

Neste momento, a pulsão sexual é essencialmente autoerótica e procura recuperar a satisfação no próprio corpo através das zonas erógenas. Não obstante essa ideia, podemos entender que o autoerotismo da pulsão não é sem o outro, pois é necessário que uma pessoa mais experiente delimite partes do corpo do bebê nas quais a pulsão possa se satisfazer autoeroticamente, lugares em que o recém-nascido estabelece uma relação de troca com quem cuida dele, que pede que ele mame e se angustia quando ele não faz cocô. Freud procura destacar, já nos primeiros escritos sobre psicologia [1895]/(2007) como a presença de uma

pessoa experiente que busca nomear e satisfazer a necessidade de um recém-nascido é fundamental para sua constituição psíquica.

Por volta dos 3 aos 5 anos a masturbação infantil fica em evidência, especialmente quando a criança percebe o prazer que lhe produz o manuseio dos seus genitais, que passam a ser o centro de sua atenção. Alguns anos mais tarde, Freud 1910[1909]/(2007) consegue obter um quadro bastante claro da sexualidade infantil a partir da análise de Hans, uma criança de cinco anos acometida por um sentimento de angústia. Lacan [1975]/(1983) chama nossa atenção para o fato deste caso analisado por Freud demonstrar a relação intrínseca entre a angústia e a descoberta do “pequeno pipi pela criança”, esse órgão privilegiado do corpo masculino que começa a ter vida própria e a oferecer prazer ao ser manuseado. Esse elevado valor do órgão é também o que justifica que ele seja referenciado ao falo, pois converge em um mesmo lugar a exigência de satisfação da pulsão, assim como o estranhamento que esse órgão parasita causa no sujeito.

Freud observa que essa satisfação produzida no corpo incita na criança uma pesquisa sobre a sexualidade, que se inicia com a pergunta sobre sua origem, quando se questiona de onde vêm os bebês. Sua curiosidade é fonte das primeiras fantasias infantis, que serão revisitadas e questionadas na puberdade, sendo a primeira delas baseada na suposição de que todos possuem um pênis. Segundo Rousseau, “até a idade núbil as crianças dos dois sexos não têm nada de aparente que as distinga: mesmo rosto, mesma fisionomia, mesma tez, mesma voz, tudo é igual; as meninas são crianças, os meninos são crianças; o mesmo nome basta a seres tão semelhantes” (ROUSSEAU, 2017, p. 247).

Entretanto, com relação a essa aparente indiferença, a leitura do texto de Freud pela professora e psicanalista Nádia Laguardia de Lima nos esclarece que:

Não é a questão da diferença anatômica entre os sexos que instiga a curiosidade da criança, pois ela inicialmente supõe uma genitália igual à sua em todos os seres humanos [...]. Mesmo depois da descoberta da diferença anatômica entre os sexos, a criança ainda não diferencia o sexo feminino do masculino. Um sexo apenas é descoberto: o masculino. As crianças diferenciam os seres humanos entre aqueles que possuem o falo e aqueles que não o possuem. No tempo da infância existe, portanto, um desconhecimento com relação ao outro sexo, há um “não-saber” sobre o feminino (LIMA, 2016, p.3).

Esse “não-saber” sobre o outro sexo fica evidente na puberdade, quando o sujeito, organicamente preparado para consumir sua fantasia de copulação, se sente inabilitado sobre como se acercar ao outro corpo e o que fazer frente a ele, retomando o que Lacan nomeou como a “não-relação sexual” entre os seres falantes.

Mas, anteriormente a esse momento das transformações corporais, no período de latência que sucede o da exploração sexual do corpo e do mundo pela criança, a sublimação é

o mecanismo de defesa privilegiado contra as pulsões. Freud (1905) sustenta que nesse momento, contemporâneo à entrada da criança na escola, se erguem os diques anímicos tais como a vergonha, o asco e a moral, com o objetivo de sufocar a satisfação das pulsões sexuais, que de outro modo produziriam desprazer. A educação, a cultura e a arte são exemplos de como a energia das moções pulsionais pode ser desviada do uso sexual e aplicada para outras finalidades na vida de alguns jovens e adultos.

Após o período de latência, em que as pulsões foram sufocadas por obra da educação, na puberdade o sujeito tenta restabelecer a relação originária com o objeto. Essa primeira relação, afirma Freud (1905), é paradigmática para todo vínculo de amor posterior, em que se busca o objeto perdido da pulsão e, por isso, ressalta que se trata de uma tentativa de reencontro com o primeiro objeto de satisfação. Não obstante, ainda que o mais evidente seria escolher como objeto as pessoas amadas da infância, nesse ínterim se instituiu, junto a outras inibições sexuais, a barreira do incesto, e se deve procurar um objeto de amor fora do âmbito familiar.

No campo pulsional, enquanto na vida sexual da criança as pulsões parciais buscavam prazer com independência uma das outras, na puberdade elas estariam subordinadas ao império da zona genital, a serviço da reprodução. O autoerotismo ficaria em segundo plano, de modo que, agora, os componentes da pulsão sexual querem se satisfazer na pessoa amada. Contudo, Freud (1905) nos adverte que, mesmo que o corpo do púbere tenha se desenvolvido o suficiente para finalmente consumir o ato sexual com a pessoa amada, a eleição de objeto se consuma primeiramente na esfera psíquica, e volta a dar importância às fantasias, espaço no qual se desenvolve toda a vida sexual do jovem e onde não está destinada a executar-se. De fato, uma vez perdido, o objeto só pode ser reencontrado na fantasia, mas veremos mais adiante que esse caminho comporta suas vicissitudes.

Freud não nomeia essa fase como adolescência, muito embora em ao menos uma tradução do alemão possamos identificar uma passagem em que ele se refere aos “adolescentes” (FREUD, 1905, p.205)². É nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) e no seu trabalho “Algumas reflexões sobre a psicologia escolar” [1914]/(1996) onde podemos colher seus principais ensinamentos sobre as transformações que têm lugar na puberdade, sejam elas no corpo ou na relação com o outro.

Em “As transformações da puberdade”, o terceiro ensaio sobre sua teoria da sexualidade, Freud (1905) organiza um estudo sobre as metamorfoses que ocorrem com a

² Neste trabalho tomamos como referência as Obras Completas de Freud, de Amorrortu editores, uma tradução direta do alemão a cargo de José Luis Etcheverry.

emergência da puberdade. Ele destaca, entre elas, duas que nomeia como decisivas: do lado somático, a subordinação de todas as fontes originárias da sexualidade ao primado das zonas genitais; e, psiquicamente, o processo de encontro, ou reencontro de objeto, como elucidado anteriormente.

O psicanalista (1905) propõe que a pulsão sexual, até então predominantemente autoerótica e parcial, passa a cooperar entre si e ser altruísta quando encontra o objeto sexual. Nesta via, a nova meta sexual também visa à satisfação da pulsão e ao prazer, mas ao estar a serviço da reprodução, é mais solidária. O novo estado de excitação no corpo demanda um “grande trabalho psíquico” e implica se desligar da pulsão autoerótica e modificar o mundo exterior para satisfazer as exigências pulsionais através de um outro corpo. A noção de altruísmo proposta por Freud supõe a necessidade do encontro com o Outro, com um objeto do campo do Outro, fora do corpo. A própria ideia de reprodução, pelo menos na época em que Freud estava ensaiando suas elaborações sobre a puberdade, demanda a presença de outro corpo, ou ao menos de outras células sexuais, como o esperma ou o óvulo.

É na puberdade, portanto, que se apresenta de forma mais clara a diferença sexual, a partir da qual o sujeito é demandado a se posicionar como homem ou mulher, tomando como base as identificações construídas já na infância, e fazer uma escolha de objeto sexual. Na atualidade, podemos incluir as diferentes possibilidades de identificação sexual para além dos caracteres sexuais que o definem anatomicamente. Entretanto, como viemos argumentando, uma vez que o objeto está perdido, a fantasia que comporta esse encontro se desconstrói pelo descompasso que eclode no encontro com o Outro sexo. Ao cair o véu da fantasia, o sujeito se depara com um vazio de saber sobre o real do sexo, pois, se no nível fantasmático o sujeito faz a relação sexual existir, é no encontro com o impossível, na puberdade, que o sujeito se depara com um enigma, e formula (ou não), uma questão sobre isso.

Nesse sentido, Freud (1905) indica que nessa fase são esperados novos enlaces e novas composições, e aqui podemos ler que ele se refere tanto ao encontro amoroso e ao investimento de afeto em outras pessoas, como aos sintomas que se produzem no encontro com o Outro, ou melhor, com a falta no Outro. Freud ressalta que, nessa fase da vida, podem ter lugar também as “perturbações patológicas pela interrupção destes reordenamentos” (FREUD, 1905, p.190). Essa ressalva freudiana nos interessa em particular quando nos deparamos com sujeitos que, porventura, apresentam outros arranjos para viver e estar com o Outro para além do sintoma como metáfora.

3.2 O que a sintomatologia freudiana nos ensina a partir das neuroses atuais.

Freud, no advento da psicanálise, ao se deparar com as histéricas e propor o método analítico como caminho para o desaparecimento dos sintomas, se encontra com um impasse na clínica a partir de alguns casos que se apresentam como um exterior ao dispositivo analítico, a saber, as neuroses atuais, e as contrapõe às neuroses de transferência.

Como o próprio tradutor das obras de Freud para o inglês nos indica em sua nota introdutória aos “Três ensaios” (1905), a teoria da sexualidade desenvolvida por Freud tem seu germen em sua escuta clínica das neuroses atuais (neurastenia e neurose de angústia) e das psiconeuroses. Entretanto, enquanto na clínica das psiconeuroses se podia chegar a uma história de padecimentos que tinham como entorno uma fantasia, uma historicização do sintoma, nas neuroses atuais Freud advertia uma causa atual à sua sintomatologia.

Como já mencionado anteriormente, em sua prática clínica Freud compreende que os sintomas das psiconeuroses expressavam as fantasias como invenções de recordações, produzidas nos anos da puberdade. Por outro lado, sinaliza que nas neuroses atuais o mecanismo psíquico do recalque não desempenhava nenhum papel, tampouco as fantasias.

Como etiologia das neuroses atuais, Freud (1895 [1894]) indica uma série de nocividades e de influxos, umas perturbações que partem da vida sexual. Cita a angústia virginal ou das adolescentes frente ao primeiro encontro com o “problema sexual”; das recém-casadas; das senhoras cujo marido tem ejaculação precoce ou pratica o coito interrompido; a angústia dos abstinentes voluntários, entre outras. De todo modo, explica que o mecanismo é o mesmo: busca desviar do psíquico a excitação somática que receberia, em decorrência, um emprego normal (o ato sexual e a reprodução). Em termos lacanianos, essas perturbações derivariam do encontro com a não-relação sexual.

Freud agrupa a neurose de angústia e a neurastenia na medida em que compartilham de um caráter comum: a fonte de excitação e a ocasião para a perturbação residem no âmbito somático. Diferenciam-se, portanto, das psiconeuroses, onde prevalece o influxo do psiquismo na formação dos sintomas. Com respeito à etiologia também as contrapõe. A causa das psiconeuroses deve ser buscada nas vivências sexuais de um tempo anterior, enquanto a neurastenia e a neurose de angústia respondem a uma etiologia atual, também com tonalidade sexual, e por isso são denominadas neuroses atuais.

Clinicamente, portanto, as neuroses atuais constituem nessa época da elaboração freudiana um exterior ao dispositivo analítico. Disse Freud: “em uma análise psicológica [a angústia] se revela *não suscetível de posterior redução, assim como não é atacável mediante*

psicoterapia. Por tanto, o mecanismo da *substituição* não vale para (...) as neuroses de angústia” (FREUD, 1895 [1894], p. 97, *itálico do autor*).

Freud afirma em “Inibição, sintoma e angustia” 1926[1925]/(2007) que o mecanismo de defesa mais eficaz para tratar a angústia é o recalque: a elabora, a transforma e consequentemente baixa seu nível. Por sua vez, nas neuroses atuais, um estado tóxico gerado por esse excedente sem tramitação produz uma supressão do dispêndio psíquico, afirma o psicanalista Jesús Santiago (2001) lendo Freud em “Luto e melancolia” (1917). O estado tóxico engendra, por tanto, um alijamento do trabalho psíquico que deixa a pulsão liberada para uma satisfação sem enlaçamento a um sintoma, caracterizado, em termos freudianos, por ser uma formação de compromisso entre os reclamos da libido e do “eu”, e que permite uma satisfação substitutiva.

Cumprе ressaltar que, muito precocemente, a experiência clínica de Freud o coloca frente a vertente real do sintoma enquanto aquilo que não pode ser totalmente apreendido pelo simbólico. As neuroses atuais expressam aquilo que irrompe no corpo e não encontra representação, um encontro traumático com um não saber, que tem como resposta um sintoma a secas que desvela de modo antecipado nas elaborações de Freud os efeitos da energia não ligada, que posteriormente vai nomear como pulsão de morte.

Na “Carta 52” [1896]/(2007) Freud sustenta que, quando não se produz a transcrição para certos materiais mnêmicos, a descarga da excitação é produzida diretamente pelo polo motor. Sustenta que cada escritura inibe a anterior e que quando essa reescritura falta, a excitação é tramitada segundo as leis psicológicas que valiam para o período psíquico anterior e pelos caminhos dos quais dispunha anteriormente: processo psíquico primário (mobilidade das investidas, energia livre). Nesse mesmo contexto, assinala a compulsão como repetição de vivências conectadas com um prazer que não se inibe, e agrega que certos signos perceptivos que não chegam a ser transcritos, que não podem ser traduzidos em representações psíquicas e palavras, ficam gravados nos circuitos corporais.

Em “Mais além do princípio do prazer” [1920]/(2007), Freud liga a compulsão à pulsão de morte. Quer dizer, como algo não representável, como o que não tem inscrição (energia não ligada). Assinala que é o que excede a transmissão entre o processo primário e o secundário: a dialética de condensações e deslocamentos (estrutura da linguagem e do sintoma)”³

³ A argumentação teórica proposta nesta seção foi profusamente elaborada em minha dissertação de mestrado que tem como título “Las articulaciones posibles entre la temática de las drogas y la pulsión sexual en la obra de Freud. Um abordaje desde el giro conceptual de 1920”, defendida em 2017 na Universidad de Buenos Aires (UBA)

3.3 Da época do pai à falência dos ideais: desprender-se de quem? Onde segurar?

Fazendo referência ao outro trabalho de Freud sobre o qual nos debruçamos, em “Algumas reflexões sobre a psicologia escolar” (1914), ao ser convidado a escrever uma carta para a escola onde estudou, Freud recupera em suas lembranças a época em que era estudante. Em suas elucubrações, se recorda daquele momento em que os professores ou mestres, como ele os nomeia, tinham uma particular importância na vida do aluno, pois além dos pais, eram objeto de interesse dos estudantes e por isso recebiam um investimento afetivo, fosse pela simpatia ou antipatia, afirma.

O importante a ressaltar nesse texto é o que Freud nos ensina a respeito da transferência de amor de um objeto para outro no momento da segunda infância, “época entre os dez e os dezoito anos” (FREUD, 1914, p.303). Considerando que Freud escreve esse texto em 1914, e tomando como referência um pouco da história que nos ensina Ariès (2017), podemos concluir que a inclusão da criança na escola, naquela época, coincidia com sua entrada, se não na adolescência, ao menos na puberdade, um período de “enganos [e] dolorosas transformações” (FREUD, 1914, p.303) e o encontro com um mundo novo:

Na segunda metade da infância vem a ocorrer uma mudança nessa relação com o pai, mudança cuja magnitude é difícil imaginar. O garoto começa a lançar o olhar além de sua casa, para o mundo real lá fora, e inevitavelmente faz descobertas que solapam sua elevada estima original do pai e promovem seu despreendimento desse primeiro ideal. Vê que o pai não é o homem mais poderoso, mais sábio, mais rico etc., fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo e a classificá-lo socialmente, e o faz pagar caro, geralmente, a decepção que ele lhe causou. Tudo de promissor, mas também tudo de chocante que caracteriza a nova geração, tem por condição esse desprender-se do pai. (FREUD, 1914, p.305)

Esse encontro com o professor é, para Freud, um reencontro de objeto. Assim como já nos havia ensinado sobre a sexualidade infantil e o reencontro de objeto na puberdade, Freud afirma que o modelo de afeto investido em pessoas do outro e do mesmo sexo é estabelecido muito cedo na vida da criança. Sendo assim, todas as futuras escolhas de objeto de amor do sujeito serão substitutas e terão como origem as primeiras pessoas responsáveis pelo cuidado da criança.

É importante, contudo, situar o texto de Freud no contexto em que ele foi escrito. No início do século XX, a família tinha enraizada sua função de assegurar a vida, a transmissão dos bens e dos nomes (ARIÈS, 2017, p.193). A introdução das crianças na vida escolar afrouxava o laço entre pais e filhos, mas ele era transferido para seus professores, suas novas referências e de onde partiam muitos de seus novos ideais. Em “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio” [1910]/(1996), Freud afirma:

Uma escola secundária [...] deve lhes dar [aos alunos] o **desejo de viver** e devia oferecer-lhes apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família. Parece-me indiscutível que as escolas falham nisso, e a muitos respeitos deixam de cumprir seu dever de proporcionar um substituto para a família e de **despertar o interesse pela vida** do mundo exterior. [...] A escola nunca deve esquecer que ela tem de lidar com indivíduos imaturos a quem não pode ser negado o direito de se demorarem em certos estágios do desenvolvimento e mesmo em alguns um pouco desagradáveis. A escola não pode adjudicar-se o **caráter de vida**: ela não deve pretender ser mais do que uma **maneira de vida**. (FREUD, 1910, p.217-218, grifo nosso).

Contudo, nos casos que iremos relatar mais adiante, nos deparamos com meninos que muitas vezes não contam com essa função que a família pode ter para preservar a vida de um sujeito, ou na transmissão de um nome; mas eles também não estão na escola. Como afirma Stevens, “os professores [de hoje] não são piores que os da época de Freud, mas a deliquescência do laço social e o declínio da figura paterna fizeram com que essa **ancoragem** se tornasse mais frágil” (STEVENS, 2004, p.7, grifo nosso).

Está presente no discurso corrente de nossa época que os ideais religiosos ou paternos já não tem a mesma importância que tiveram em gerações passadas ou comunidades antigas. Ou que o lugar do pai não cumpre a mesma função de outros tempos, de orientar seus descendentes com valores que o sustentem pela vida – o chamado desfalecimento dos ideais na contemporaneidade. O psicanalista Guy Trobas (2003) nomeia o momento em que vivemos como o “ocaso do Édipo”, sustentando que se caracteriza pelo efeito produzido sobre o Édipo por esse fenômeno de nossa civilização que é a decadência do papel que cumpre o pai com respeito à sua função estruturante no sujeito.

Os novos sintomas de nossa época, como as adições, anorexias e bulimias, assim como as neuroses atuais descritas por Freud, parecem não ser efeito do mecanismo do recalque e suas formações do inconsciente. Os sintomas, em seu sentido clássico, são formados com o objetivo de evitar a situação de perigo assinalada pelo desenvolvimento da angústia. Como nos ensina o próprio Lacan:

Esse instrumento tão útil para nos advertir do perigo, resulta que é dele que devemos nos defender. E resulta que, mediante essa defesa contra a angústia, se explicam toda classe de reações, de construções, de formações no campo da psicopatologia [...] ou seja, a defesa não é contra a angústia, senão contra aquilo cujo sinal é a angústia. (LACAN, [1962-1963]/(2007), p.152, nossa tradução).

A chave que nos oferece Lacan em seu Seminário “A Angústia” é que ela surge quando a falta, falta. A angústia aponta para o infinito, e o sintoma, em sua função fálica, introduz um limite ao que transborda o limite mesmo.

Na época da falência dos ideais, como assegurar ao púbere um laço com o Outro que lhe desperte o “interesse pela vida”? Quais construções auxiliares possíveis e pontos de amparo

que substituam a família daqueles que já romperam seus vínculos? Que referências podem funcionar como uma ancoragem que tenha como efeito um limite ao que transborda no corpo e cause no púbere contemporâneo um “desejo de viver”? Essas perguntas insistem e seguem conduzindo nossa escrita.

3.4 A adolescência e o despertar para Lacan

A peça teatral do alemão Frank Wedekind “O despertar da primavera”, escrita em 1891, aborda as primeiras descobertas e vivências sexuais de um grupo de adolescentes, em um contexto de preconceito e moral religiosa, sendo censurada na Alemanha por abordar temas complexos como aborto, estupro e suicídio. Contudo, para além do enfoque negativo dado pela sociedade à época, Lacan faz uma leitura sobre o despertar da adolescência que nos interessa mais. Por encenar uma série de fantasias desses jovens, o psicanalista francês, em seu prefácio sobre a peça, acentua que o dramaturgo aborda o que seria para esses adolescentes “fazer amor com as mocinhas, assinalando que eles não pensariam nisso sem o despertar de seus sonhos” (LACAN, 2003, p.557).

Para Lacan (2003), é o despertar desse sonho enquanto fantasia, na puberdade, que leva o sujeito a se acercar ao outro para fazer amor quando, entretanto, se depara com a não-relação sexual, quer dizer, com um não saber fazer no encontro com o Outro sexo, com a falta no Outro e sua própria castração; e o enigma que deste (des)encontro pode brotar. O autor acentua que o encontro com a não-relação sexual é um despertar, está para todo ser falante, e para isso retoma Freud, afirmando que a sexualidade faz furo no real. Na puberdade, o vazio de saber sobre o sexo no real se descobre quando o sujeito percebe que “o véu levantado não mostra nada” (LACAN, 2003, p.558). A vida sexual do púbere, justamente no momento em que poderia finalmente ser consumada, após a maturação sexual, continua sendo possível apenas no campo fantasmático; mas, como veremos, nem sempre a fantasia funciona como suporte.

No início de seu ensino, Lacan, citado por Stevens, adjudica à fantasia sua função de “janela ou véu sobre o impossível, sobre o que é inacessível para o sujeito; como janela para além da qual o sujeito corre o risco de encontrar o real, mas na borda da qual o sujeito se detém graças à constituição de um saber em sua relação com os outros” (STEVENS, 2004, p.7). É importante ressaltar que, nesse esquema da constituição subjetiva proposto por Lacan, ele inscreve o lugar e a função da fantasia e do real, do que está inscrito e do que não termina de não se inscrever; e que em última instância é a não-relação sexual.

Voltando à noção do despertar, nos lembramos dos sonhos de angústia analisados por Freud (1900). Em um dos sonhos citados por ele, o filho que estava sendo velado ao lado do quarto onde o pai dormia aparece no seu sonho com a pergunta: “pai, não vês que estou queimando?”, que o faz despertar. Como nos explica Freud vários anos depois, após o giro conceitual de 1920 e a inclusão definitiva da pulsão de morte em sua teoria, esse sonho aponta para o mais além da realização de um desejo. Por sua vez, com Lacan podemos entender que o despertar se refere também à metáfora da emergência de um gozo do corpo, o momento do encontro com o real da sexualidade na puberdade e suas vicissitudes (RAMIREZ, 2014). Nesse sentido, para Freud e Lacan, como afirma o psicanalista Mario Elkin Ramirez (2014), o paradigma do despertar é o pesadelo, em sua vertente traumática de algo que irrompe e não tem representação e, sendo assim, a puberdade também é um dos nomes do despertar.

Freud (1905), a partir de sua definição do trauma como proveniente daquilo que resta de uma soma de excitação não tramitada psiquicamente, nos indica que, na puberdade, o novo estado de excitação suscitado no corpo tem o caráter de uma tensão que demanda um grande trabalho psíquico, uma mudança subjetiva de posição. Contudo, se o sujeito não possui recursos simbólicos suficientes, a reconfiguração da fantasia não é possível e o sujeito se vê desamparado, *hilflosigkeit*.

Lacan, no seminário “O desejo e sua interpretação” [1958-1959]/(2008) demonstra que a *hilflosigkeit* freudiana diz respeito a estar “sem recurso” diante do desejo do Outro:

Essa posição de estar sem recursos é o que Freud [...] chama *hilflosigkeit*. É mais primitiva que tudo, mais primitiva que a angústia – que já é um esboço de organização [...]. O sem recursos diante do que? Isto não pode ser definido, centrado, mais que como o desejo do Outro. A relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro é dramática, na medida em que o desejo do sujeito deve situar-se ante o desejo do Outro o qual, contudo, o aspira literalmente e o deixa sem recursos. Nesse drama se constitui uma estrutura essencial, não apenas da neurose, senão que de toda estrutura analiticamente definida. (LACAN, 2008, p. 472, nossa tradução).

Na Conferência 25 das “Conferências introdutórias sobre psicanálise” (1916-1917) Freud relaciona o afeto da angústia ao ato do nascimento, no qual se produz um acúmulo de sensações corporais que se convertem no modelo de vivências posteriores de angústia, como resposta desse encontro com um excedente de estímulos. A partir de então, a angústia passa a ser a repetição dessa vivência que se caracteriza especificamente pelo incremento de estímulos sem tramitação pelo psiquismo ainda não constituído e, portanto, é uma angústia tóxica.

No nascimento, Freud (1916-1917) sustenta que o perigo é vivenciado pelo recém-nascido como real e objetivo, pois ele não é motora e psiquicamente desenvolvido para satisfazer suas necessidades. Portanto, não se trata de um perigo subjetivo porque ainda não há

aparelho psíquico constituído, não há saber no neonato sobre como acalmar essa excitação que emerge de seu corpo e que aparece como nova para ele. O que se apresenta, no seu lugar, é uma enorme perturbação econômica, pois não há representações que possam ligar essa quantidade de excitação que brota naquele pequeno corpo, que não consegue sozinho preencher suas carências; somada à enorme quantidade de estímulos que o mundo lhe apresenta ao sair do útero materno. Em um momento posterior, Freud (1926 [1925]) ressalta que o núcleo genuíno do perigo é o incremento das magnitudes de estímulo, uma exigência pulsional sem via de descarga pelo psíquico, que produz um estado tóxico e por isso traumático.

Para atender às necessidades desse recém-nascido, é necessário portanto que alguém mais experiente possa cuidar dele. Além desse outro de corpo presente, Freud ressalta a importância de todo o entorno do recém-nascido, seu campo simbólico, a cultura onde está inserido e que o antecede, sua família, o que sobre ele se fala, se espera, se deseja. Ele estava advertido sobre isso ao afirmar que as pessoas responsáveis pelo cuidado do bebê, que interpretam e nomeiam o que ele demanda e buscam um objeto para tentar satisfazer suas necessidades, cumprem uma função indispensável para a sua vida anímica, pois a ausência de alguém disponível afetivamente para a criança pode ter consequências desastrosas para a constituição de seu psiquismo.

Lacan (2007) situa a função do grito do recém-nascido como o que constitui o “coração do Outro” (p. 353), uma manifestação da angústia que antecede qualquer demanda do Outro. Em “Duas notas sobre criança”, ele acentua o “valor irreduzível de uma transmissão - que é outra ordem que aquela da vida segundo as satisfações das necessidades, mas que é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo” (LACAN, 1986, p.2). O que o psicanalista francês procura nos transmitir é que um outro experiente, que no texto ele atribui à função da mãe, mas que verdadeiramente se trata de alguém disponível afetivamente, imprima em seus cuidados “a marca de um interesse particularizado” por essa criança, ou seja, que reconheça sua necessidade enquanto falta e nomeie seu choro a partir de seu próprio lugar de falta-a-ser.

Lacan ressalta, portanto, a importância da presença do Outro que, a partir de sua falta enquanto ser falante, reconhece e procura acalmar o “grito” através da nomeação do mesmo, ainda que incorretamente. Ou seja, não se trata apenas do alimento como objeto que satisfaz a necessidade; mas desse desejo particularizado que reflete a falta no Outro e no recém-nascido; e a importância disso na constituição subjetiva.

Mas, se por um lado sabemos que não há constituição psíquica no recém-nascido, na puberdade o sujeito também é confrontado com um não saber fazer com o excedente de

estímulos no seu próprio corpo, esse “murmúrio das paixões”, como disse Rousseau (2017). Neste caso, o estrangeiro é o real do sexo no corpo que se metamorfoseia com os hormônios que florescem e o incitam a uma aproximação com um Outro corpo. Contudo, ao se deparar com sua castração, mas também com o desejo do Outro, o sujeito se angustia: “na presença primitiva do desejo do Outro como opaco, como obscuro, o sujeito fica sem recursos. Ele está *hilflos – Hilfslosigkeit* – emprego o termo de Freud, em francês chama-se o desamparo do sujeito.” (LACAN, 2008, p.28). Frente a esse desamparo ou ao impossível de simbolizar no real, as respostas podem ser tão variadas quanto sujeitos existam e, por isso mesmo, singulares.

Na peça de Wedekind, Lacan (2003) destaca a cena em que dois adolescentes questionam sobre sua existência, mas um deles passa ao ato, se suicida, enquanto o outro, ao se deparar com o homem mascarado, escolhe a vida. Esse é o convite do homem: “Vamos, Melchior. Eu quero te apresentar o ser humano. Um mundo de possibilidades. Outros horizontes. Eu quero te apresentar as coisas interessantes que o mundo tem pra oferecer”. Lacan afirma que este é um dos Nomes-do-Pai, que funciona como uma amarração; e Stevens agrega que esta é uma função que está do lado do enigma, do convite a aceitar, agarrar a vida (2004, p.14).

Segundo Lima, em Freud o sujeito precisa se identificar e se posicionar, na puberdade, como tendo ou não o falo. Entretanto, ela afirma que a originalidade do despertar pulsional para Lacan é que “o confronto com o real do sexo na adolescência implica o encontro com o gozo para além do fálico” (LIMA, 2016, p.174). Esse furo de saber aponta, portanto, para a dimensão real do gozo.

Entendemos com isso que o que está em jogo na puberdade é o uso que o sujeito pode fazer ou não do falo. O curto-circuito ocorre quando o gozo não passa pela fantasia, pois o gozo fálico é o que faz uso da fantasia. Se, no despertar da puberdade no corpo, o sujeito não tem recursos simbólicos para lidar com este real, há uma ruptura com o gozo fálico e como consequência uma série de outras respostas em que está em jogo um gozo por fora da fantasia: adições, passagens ao ato, anorexias e bulimias. Neste caso, de que outros recursos o sujeito poderá lançar mão para manter-se do lado da vida?

4 ADOLESCÊNCIA, SINTOMA DA PUBERDADE?

Alexandre Stevens (2004), em sua conferência realizada na Universidade de Paris VIII, no ano de 1998, situa a adolescência como um momento em que há um encontro do sujeito com um impossível. Alinhado com Freud e Lacan, para desenvolver sua tese Stevens retoma Miller, quando este propõe o “sintoma como resposta, como metáfora à não-relação sexual” (MILLER citado por STEVENS, 2004, p.3). Com base nesse matema, e para desenvolver seu argumento, o autor belga define a adolescência como sendo o momento em que o sujeito pode responder de forma variável ao impossível do encontro com o real da puberdade.

Ainda no mesmo texto, Stevens (2004) situa a puberdade no lugar do conjunto vazio, um real impossível de circunscrever, e a adolescência no lugar da metáfora, uma resposta sintomática do sujeito frente à não-relação sexual; sendo a puberdade um momento privilegiado em que aquilo que não termina de não se inscrever emerge, e a fantasia que o sujeito carregava (ou não) desde sua infância, é colocada à prova.

Se tomamos o sintoma no sentido freudiano clássico, como retorno do recaiado, uma formação do inconsciente, que tem a fantasia como suporte, podemos entender que ele se estrutura simbolicamente. No entanto, Stevens nos adverte que no final do ensino de Lacan o sintoma não é mais entendido apenas em seu sentido metafórico, referente à função paterna, mas também é um modo de gozo do sujeito. Portanto, em sua vertente simbólica, o sintoma é metáfora, e por isso interpretável, ao passo que em sua face real, o sintoma é também um modo particular de gozo, e não necessariamente um chamado ao Outro.

Como diz Drummond, pra que pressa se em “ser” cabe tanta coisa? Ao questionar o que representa o significante “ser”, o poeta o decompõe e expõe sua dimensão de letra (Ser. Er. R). Supõe que, por caber tantas possibilidades, a palavra *a priori* não significa nada, a não ser em sua relação com outro significante, na qual o sujeito pode advir. É por isso que insistimos nas respostas singulares que se apresentam para o sujeito na puberdade, uma vez que este momento não é cronológico, não tem tempo certo para início e fim e tampouco um cardápio de opções predeterminadas sobre como ser e como fazer.

Fica claro que Stevens (2004) entende a adolescência de forma plural, como uma série de respostas possíveis, e inclusive sugere algumas delas: uma escolha de posição quanto ao saber, quando o adolescente se dedica aos estudos ou se recusa a estudar, pois esse saber não alcança para lhe responder a única questão que verdadeiramente lhe interessa; as escolhas relacionadas às identificações, quando o adolescente se insere em grupos; a do pai como sintoma, quando a referência ao pai se transfere para um professor ou substituto, entre outras.

Nos interessamos sobretudo na série de respostas que o autor relaciona à quando a fantasia falha, ou seja, quando o sujeito percebe que a fantasia infantil não responde ao encontro com o “problema sexual” (FREUD, 1895 [1894]), e cita as passagens ao ato como exemplo. Se a fantasia não funciona, falha também o sintoma, com sua função privilegiada de barrar a angústia, que deste modo se torna inevitável (FREUD, 1926 [1925]).

Em um trabalho mais recente de Stevens (2013), ele afirma que o problema da adolescência estaria não na entrada na puberdade, mas na saída desta etapa para uma fase adulta. Segundo este autor, quando a adolescência se prolonga, isto é, quando não culmina com uma escolha articulada ao significante através do sintoma, aparecem as saídas problemáticas e ela se prolonga frequentemente com sintomas de um novo tipo, novo na história social:

Estes sujeitos são, frequentemente, levados a escolher um modo de gozo que evite a questão sexual: trata-se da escolha da toxicomania e também da anorexia-bulimia; ambas jogam com o consumo, com o vazio e o pleno; mas ambas, como sintomas, se caracterizam como um gozo que possui um aspecto autista, ou seja, que pode ser obtido sozinho, sem o Outro – não completamente, porque é necessário pelo menos o vendedor de drogas. (STEVENS, 2013, p.8).

Stevens (2013) afirma que a adolescência é o momento no qual a imagem do corpo se modifica, mas ele vai mais além ao citar o que Lacan nomeia como “sentimento de vida”, isto é, a puberdade enquanto encontro com o real implica em uma espécie de desestabilização desse “sentimento que se tem de uma certa permanência de si na existência” (STEVENS, 2013, p.2). E é justamente frente ao real que irrompe no corpo neste momento da existência do púbere que ele precisa lançar mão dos significantes do Outro para construir uma resposta sintomática, o que Stevens chama de adolescência e que, apesar de na maioria das vezes ser nomeada enquanto crise, é o que estabiliza o sujeito: “[...] é necessário que na adolescência se restabeleça esse sentimento de vida, ou seja, que apesar do que muda em sua imagem corporal, seja possível reconstituí-la.” (STEVENS, 2013, p.3).

A problemática se instala, segundo Stevens (2013), quando não se sai da adolescência e ela se prolonga com “sintomas de outro tipo”, como as toxicomanias e as saídas violentas. Propomos, contudo, repensar essa intelecção ao entender que algumas vezes esses sintomas de outro tipo se instalam na entrada da puberdade e, ao invés da adolescência enquanto sintoma, nos deparamos com outro leque de respostas sintomáticas que implicam, e esse é o ponto que queremos defender, uma recusa à adolescência.

A escuta e leitura atenta que fazemos dos casos atendidos nos fazem pensar nessa recusa. Stevens (2004) se refere à anorexia e à bulimia quando sugere a possibilidade de uma escolha pela “recusa da sexuação”, que chega à eliminação das formas do corpo. Se entendemos a adolescência enquanto sintoma que se situa no lugar da não-relação sexual, também podemos

observar nesses meninos que encontramos na clínica, uma recusa à adolescência, em que seus corpos resistem em adolecer e insistem em permanecer infantilizados. Decerto a própria droga pode ter esse efeito no corpo, de emagrecimento, de adoecimento, e talvez por isso ela lhes seja tão útil para alcançar esse “objetivo”, de um corpo não sexualizado, um corpo maltratado, que tem dificuldades para amadurecer.

Articulado a essas ideias entendemos que, para alguns sujeitos, o uso de drogas e a trajetória de vida nas ruas podem delimitar uma “nova forma de sintoma”, sobre o qual o sujeito tem pouco, ou quase nada a dizer. As novas formas de sintoma nos referimos a ideia proposta por Hugo Freda ao destacar “um fazer” em que “manifestações e comportamentos se apresentam como assintomáticos” (FREDA, 1996, p.21), tais como as adições, a anorexia e a bulimia.

O psicanalista Domenico Cosenza (2015) se pergunta sobre como os adolescentes de hoje regulam o encontro com o real do sexo na puberdade no tempo do Outro que não existe. Segundo sua leitura do “Prefácio” de Lacan, a iniciação sexual seria o tempo necessário para a passagem da puberdade à adolescência e sinaliza dois tempos lógicos: o primeiro corresponderia ao tempo do véu, do sonho, da fantasia; e o segundo tempo, do trauma, do despertar, do real:

Um primeiro tempo lógico desse processo [é] a elevação da relação sexual ao nível do inconsciente, que o faz existir para o sujeito numa representação singular, imaginária, como enigma, num quadro fantasmático ou que dá lugar à fantasia. O primeiro tempo é então aquele em que, para o adolescente, há relação sexual, que é representável numa cena que o inclui (COSENZA, 2015, p.2).

E define o “princípio da iniciação” como o segundo tempo lógico, a partir da premissa lacaniana de “que o véu levantado não mostre nada” (LACAN, 2003, p.558). Em suas palavras, que “na relação sexual o gozo é irreduzível e não faz relação” (COSENZA, 2015, p.3).

Segundo esse autor, há uma dificuldade do adolescente contemporâneo em se colocar no primeiro tempo lógico da iniciação sexual, e destaca as consequências da ausência do suporte fantasmático quando o sujeito se depara com o trauma da puberdade, quer dizer, com a inexistência de um saber, no real, sobre o sexo: “um impasse no processo de sintomatização da própria puberdade, aposta fundamental para a psicanálise na experiência da adolescência”. E retoma Miller quando sublinha que “sem véu, sem ideal, não há trauma subjetivável” (COSENZA, 2015, p.4)

Em seu trabalho sobre a adolescência, Miller (2016) afirma que ela é uma construção a partir de três momentos: a saída da infância, quando o púbere inclui entre seus objetos de desejo o corpo do Outro; o momento da escansão, ou tempo de compreender, em que o sujeito atualiza

a diferenciação sexual e se localiza na posição feminina ou masculina, “reconhecíveis desde a infância”; e por fim quando se estabelece o que Lacan nomeia como “a imissão do adulto” (LACAN, p. 174) e que Miller designa como a “imiscuição do adulto na criança”, uma “antecipação da posição adulta na criança” (MILLER, 2016, p. 3). Nesse momento se articulam o eu ideal, isto é, a reconstituição imaginária do corpo, e o Ideal do eu, aqueles significantes que o sujeito recolhe do campo do Outro e que o orientam para uma saída da adolescência e entrada na vida adulta.

No campo imaginário, ainda segundo Miller (2016), o narcisismo deveria se reconfigurar, pois a imagem do corpo infantil já não se sustenta mais; e no campo simbólico o desejo pode adquirir uma nova forma a partir dos ideais. De acordo com Stevens, a criança tem que operar uma separação com as figuras simbólicas dos pais e modular seus ideais para além da identificação com o pai. É necessária “uma **ancoragem** sobre um certo número de outros traços somados de outras pessoas” (1998, p.7, grifo nosso), ou seja, “é a escolha de um nome, de uma profissão, de um ideal, de uma mulher, de um homem. É a escolha de um sintoma com sua envoltura significativa” (2013, p.5).

Neste ponto, gostaríamos de destacar, a partir das contribuições de Cosenza (2015), as outras respostas que podem surgir no segundo tempo da iniciação sexual, quando o primeiro tempo se mostra insuficiente para possibilitar a construção da adolescência enquanto resposta sintomática que permite ao sujeito um enlace com o Outro. Na nossa experiência clínica, nos deparamos com alguns casos nos quais o tempo do véu, da fantasia ou do sonho não se sustenta, pois alguns sujeitos não podem contar com uma certa borda, função da fantasia, ou precisam inventá-la, encontrar outras janelas e ancoragens. Se a adolescência é uma construção, como nos ensina Miller (2016), que inclui o mal estar emoldurado por um sintoma que estabiliza o sujeito e o possibilita inclusive entrar na vida adulta, quais outras construções auxiliares podem sustentar o laço do sujeito com o Outro e com a vida, uma vez que em alguns casos o púbere parece se deparar com um impasse não apenas na saída da adolescência, mas na entrada dela?

5 AS CONSTRUÇÕES AUXILIARES ENQUANTO ESCOLHA PELA VIDA: O QUE A CLÍNICA NOS ENSINA

Neste ponto do trabalho conseguimos apreender em alguma medida que a puberdade produz um desenlace com o Outro, uma vez que o novo corpo que se apresenta é desconhecido, e essa metamorfose excede algumas tentativas de tradução. A partir do encontro com alguns sujeitos que parecem fazer uso das drogas como uma forma de recusa à adolescência, podemos inferir também que a rua, enquanto lugar do inesperado, do estranho e do imprevisível reflete de modo singular esse momento de delicada transição em que o corpo prescinde de borda, em que a palavra é insuficiente ou não termina de representar o que é pulsional do corpo.

De modo similar, muitas vezes as adições, também nomeadas como toxicomanias, tem lugar privilegiado na puberdade, justamente por darem algum tratamento ao que é de mais estranho à palavra, no encontro com a falta no Outro. A ruptura com o Outro é o que define a adição, e não seu objeto. Lacan, no Encerramento das Jornadas de Estudos dos Cartéis na Escola Freudiana de Paris em 1975, faz um comentário que permanece como referência fundamental das considerações teóricas acerca da clínica das toxicomanias. O psicanalista francês se pronuncia sobre a droga dizendo: "não há nenhuma outra definição da droga senão esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi." (LACAN, 1975, p.9). É, portanto, o que produz uma ruptura com o gozo fálico, e aponta para um Outro gozo. Nesse sentido, falar da puberdade, da adição e de alguma maneira também do espaço da rua é quase redundante. A puberdade pode ser entendida, nesse sentido, como o momento paradigmático para o início de uma adição ou trajetória de vida nas ruas, mas, como nos ensina Lacan (1998), escolhemos não renunciar ao nosso desejo frente aos desafios dessa clínica, mas sim acolher e escutar esses sujeitos e suas construções possíveis.

5.1 A construção auxiliar de uma rede e de um território

João⁴ é um menino encanta(dor). Por meio de cantos e rimas, elege primeiro a mesa do canto como lugar do encontro. Outros espaços foram escolhidos depois: a escada, a portaria, o sinal, a rua, "não precisa entrar na sala". Foi preciso suportar esse movimento proposto pelo sujeito para não consentir com o abandono do lugar do encontro possível. São nesses espaços onde João relata, ou ao menos demonstra, suas travessias, caminhos percorridos, idas e vindas

⁴ Este caso também compõe um capítulo enviado para o livro "Janela da Escuta" que será publicado pela editora UFMG.

à casa da família, que algumas vezes servia como lugar de intervalo, de cuidado, mas que não se sustentava por muito tempo.

Alguns traços no rosto e marcas no corpo emagrecido desse menino/rapaz nos chamam a atenção. Quase criança, quase adulto, mas será que adolescente? Esse corpo já atravessado pela puberdade, marcado por muitas vivências, mas do qual emana um menino brincante, parece às vezes sustentar sua sobrevivência na rua, ao despertar a compaixão dos outros, mas não é só isso; João canta e encanta muitos e recebe seu dinheiro também através de sua arte. E, apesar de se inserir em um circuito de desamparo, em que o uso que faz das drogas parece funcionar como um tratamento muitas vezes devastador, o vínculo estabelecido com a analista o faz retornar uma e outra vez.

A leitura de Freda (1996) sobre a adolescência nos possibilita pensar que o uso das drogas por João, apesar de produzir uma ruptura com sua família, com a escola e com os pares, pode ser uma solução encontrada pelo sujeito, “cuja intenção é encontrar uma inscrição no Outro” (FREDA, 1996, p.25). Apesar de pouco falar sobre sua família, não lembrar de algumas histórias e reinventar outras, João nomeia seu Outro como aquele que o abandona: “se ela quisesse mesmo me levava pra casa”. Em contrapartida, se apresenta um Outro lugar que acolhe seus atrasos, seus arranjos e que permite, se não a inscrição de um desejo, o registro de um intervalo. O Outro que alimenta e que nutre parece ser a marca da transferência que ele sempre constrói, mas também esse Outro que articula sua rede e acolhe seus endereçamentos.

A articulação com a rede aparece, portanto, como direção no acompanhamento, que foi fundamental para alinhar alguns encaminhamentos. Aos poucos, porém, ele faz laço com a analista, mas principalmente com o lugar de acolhimento, pois outros atores também o acolhem nesses cenários, mesmo que sob o efeito de drogas. Ele começa a entrar em sala para falar, mas às vezes apenas para usar a mesa como apoio para dormir ou escrever e desenhar.

Para João as drogas parecem ser uma saída encontrada para o mal estar suscitado na relação com o Outro e com o próprio corpo, que há algum tempo já havia sido infiltrado pela puberdade. Contudo, o encontro com o real que ela suscita parece ter produzido um trauma ainda não elaborado pelo sujeito, que havia escolhido meios nefastos de lidar com esse mal estar, e que poderiam inclusive lhe custar a vida. A droga, nesse contexto, parecia uma solução, ainda que precária: “ajuda a sair da realidade; quando uso não penso nos problemas”, ele diz. Entretanto, é através de algumas perguntas que ele consegue tocar algo dessa angústia de crescer que lhe acomete o corpo: “Por que no mundo não existem apenas crianças?” “Por que o mundo não é como um desenho animado?”, são perguntas que começam a aparecer e apontam

para algo do insuportável que lhe causava a passagem pela puberdade e um desejo de permanecer em algum lugar protegido da infância.

A partir dessas questões, João parece conseguir dar algum contorno ao que o faz recorrer às drogas como aparente solução, mas uma série de rupturas vinha ocorrendo e o risco de morte era iminente. Se não estava sob o efeito delas, ele estava buscando alguma maneira de obtê-las, não havendo espaço, a princípio, para outras construções. João afirma que a droga é o pior e o melhor que encontra na rua, e vemos que a questão que o incomoda vai mais além dos efeitos que ela causa, mas sobre isso ele não quer falar e logo sutura o vazio com uma de suas histórias, ou se levanta e vai embora.

Em um atendimento ele disse que não queria voltar para a casa da mãe nem para a escola: “Desisti da vida. Escola? Pra que escola se eu já desisti da vida?” A intervenção da analista apontou para uma contradição em seu dizer, pois ele continuava indo ao atendimento, estava ali, presente, procurando ajuda. Uma pergunta então começou a sustentar todo o acompanhamento: o que ainda mantinha esse adolescente vivo? Como responder a esse incipiente chamado ao Outro?

Os psicanalistas Jorge Broide e Emilia Broide (2015) sugerem que quem trabalha com “situações sociais críticas” provavelmente já se perguntou como a pessoa ainda está viva depois de tudo que passou. Eles constroem o termo “ancoragem” para explicar o que são esses “fios invisíveis” que amarram o sujeito à vida, e apostam na importância de saber escutá-los, entendê-los, trabalhar com esses fios que mantêm o sujeito vivo. Em Freud pudemos resgatar a ideia de “construções auxiliares” para ilustrar aquilo que ampara o sujeito do lado da vida.

Ao longo do acompanhamento de João, foi possível perceber que ele não aceitava ou não conseguia sustentar as soluções apontadas pelo outro, e foi preciso validar sua posição e suas construções auxiliares. Na medida em que era convidado a falar e relatava seus pontos de apoio e as saídas encontradas para viver, ia tecendo sua rede, seu território e as formas que vinha encontrando para permanecer vivo, à sua maneira.

Do banho na bica ao sanduíche do trailer, do noticiário na TV ao futebol na Escola Aberta aos finais de semana, e da “mãe da rua”, que lhe escondia em um abrigo para que ele pudesse dormir e tomar banho, João foi nos apresentando a sua própria rede e os laços construídos, ainda que mutáveis. Enquanto alguns queriam que ele voltasse para a casa da família, João insistia em permanecer na rua, mas construindo também um circuito de vida e não apenas de morte. Foi dando lugar a essa construção singular que pudemos escutar na fala de João as outras referências de cuidado e afeto que ele construiu na rua, uma “maneira de vida”

(FREUD, 1910, p.218); espaços de intervalo de vida e de amparo que o mantém, mesmo que por pouco tempo, distante do risco que a vida nas ruas e o uso de drogas podem lhe causar.

5.2 A construção auxiliar de um interesse pela vida

O primeiro encontro com Francisco se deu quando ele ainda era criança e o abordava buscando notícias do irmão Antônio, alguns anos mais velho. Sempre acompanhado de seu cachorro, pedia dinheiro na porta de um comércio, mas costumava estar vestido com a roupa da escola; ainda parecia estar com alguns vínculos preservados. Antes, porém, apresentamos Antônio, com quem o encontro foi anterior, apesar de quase não comparecer aos atendimentos. O corpo emagrecido pelo uso abusivo de drogas, seu semblante risonho e sua maneira gentil e graciosa de conversar nos faziam pensar que estávamos diante de uma criança.

Certa feita ele veio ao atendimento, estava mancando e, ao ser perguntado sobre o que tinha ocorrido, relatou que havia atravessado a rua sem olhar, sob o efeito de drogas, e foi atropelado. Não sabia como ainda estava vivo! O uso abusivo de alguns inalantes e do crack impediam esse sujeito de zelar por sua vida. Contudo, contou que ainda estava fazendo malabares na rua, provavelmente nos momentos de intervalo do efeito que a substância produzia em seu corpo; caso contrário seria difícil equilibrar aquelas bolinhas no ar. Foi proposto a ele que mostrasse seu talento, e ele retornou algum tempo depois com algumas laranjas em uma mochila, que naquele dia faziam as vezes das bolinhas, e mostrou suas tentativas de dominar a arte de equilibrar. Foi convidado a voltar mais vezes, quando pudesse, se estivesse passando por perto. Eu estaria o aguardando.

Ele voltou, e fomos juntos a secretaria de educação solicitar sua matrícula na escola. Àquela época minhas respostas às demandas institucionais ainda eram automáticas, pois era necessário que ele estivesse matriculado. A garantia de sua frequência escolar seria trabalho para depois. Ao ler em uma certidão de nascimento que ele mantinha guardada, notei que seu aniversário havia sido no dia anterior. Ao parabenizá-lo pela data especial, a surpresa foi grande ao notar que aquele dia havia passado em branco para Antônio, diante de sua expressão inesperada: “é mesmo?” Perceber que o tempo daquele sujeito era outro foi um alerta, sua localização no tempo não podia passar ao largo, pois ele nos mostrava que sua referência frente a passagem dos dias era diferente.

Apesar das tentativas frustradas de contato com sua mãe e a despeito dos recados enviados através do irmão mais novo, inclusive por meio de um bilhete improvisado escrito em

um papel com um convite para ele voltar, Antônio acabou não retornando mais aos atendimentos.

Alguns anos depois Francisco chegou para ser atendido. Infelizmente, os supostos vínculos notados anteriormente não haviam sido suficientes para ele fazer uma escolha diferente daquela do irmão mais velho. Sorte grande foi encontrá-lo um dia na rua e não hesitei; parei para conversar com ele. Com a higiene precária, o corpo daquele menino parecia não ter sofrido a passagem do tempo. Apesar de já púbere naquele momento, pouca diferença se notava com relação ao corpo infantil. Perguntei se ele se lembrava de mim, ao que ele respondeu que sim, mas sem muita certeza. Me apresentei novamente, fiz algumas orientações e no dia seguinte entramos em período de quarentena em razão da pandemia da Covid-19.

Após alguns contatos com a rede, conseguimos conversar com sua mãe e o laço finalmente estabelecido com ela foi fundamental para o posterior vínculo com Francisco. Fizemos uma visita domiciliar, a primeira após tantos anos de atendimento a adolescentes. Havia um desejo de não o deixar ir, pois se ele não poderia comparecer ao atendimento presencial, eu precisava ir até ele. O próximo passo foi acompanhá-lo a uma consulta no centro de saúde, até onde caminhamos juntos pelo seu bairro conversando, ainda que eu recebesse como respostas às perguntas, apenas algumas sílabas. A enfermeira não gostou de nossa presença, disse que não precisava, mas posteriormente, ao escutar de sua mãe a posição de Francisco frente à indagação da profissional de saúde, soube que ele sustentava nosso lugar ali. No retorno à sua casa ainda foi possível lhe dizer que mesmo que estivesse na rua e usasse drogas, ele poderia contar com aquele lugar por direito, e comigo por desejo, pois apenas sustentando aquele momento de intervalo de vida foi possível fazer um laço com esse sujeito.

Foi nesse movimento de retorno à rua e à casa, e uma mudança de posição de sua mãe ao acolhê-lo uma e outra vez, que pudemos sustentar o acompanhamento. Hoje Francisco e sua família estão em outra casa, uma nova morada, adquirida através de um intercâmbio de casas. A partir de uma escolha da mãe, foi possível encontrar um lugar de refúgio, ainda que com muita vulnerabilidade. Francisco foi acolhido pela igreja onde um familiar ocupa um lugar de liderança. Diferentemente de outros tempos, agora é ele que quer me contar, com muita alegria, sobre esse novo ponto de ancoragem onde canta e participa de um grupo de adolescentes. Não nos encontramos recentemente, mas os outros dizem que ele tomou corpo, está vivo, aberto para os encontros e desencontros. Suspeitamos que os fios que foram sendo tecidos deram suporte ao adolecer do corpo e do sujeito, que se permitiu inclusive um encontro amoroso. Ainda não sabemos nomear qual lugar dessa tecitura de fios funcionou como uma construção auxiliar para esse sujeito. Talvez o mais adequado seria usar o termo tessitura que, como na

música, acomoda as notas e os sons que melhor convém a uma voz, e não seu contrário. É o sujeito, como a voz, que dá o tom, que escreve e constrói seus arranjos e, se os demais participantes da orquestra estiverem dispostos a reconstruir a disposição das notas musicais, melhor para quem canta. Apostamos, então, que foi um conjunto de fios que atravessaram o tear da vida desse menino e não desistiram de amarrá-lo, quando ele insistia em arrebentar, um convite reiterado para conhecer “outros horizontes, um mundo de possibilidades” (WEDEKIND, 1891).

5.3 Uma possível construção da adolescência?

José⁵, com trajetória de vida nas ruas e uso de drogas, se apresentava sempre sujo, emagrecido, evasivo nos seus dizeres. A mãe, também em situação de rua, não dava conta de sustentar uma margem que pudesse enlaçar o filho ao “desejo de viver” (FREUD, 1910): fora da escola, sem nenhuma documentação civil, sem uma referência parental. Era o irmão um pouco mais velho que tentava dar algum limite aos mais novos.

O (re)encontro com a avó materna, um lugar de amparo, a partir da legitimação dessa referência de cuidado junto a analista, possibilitou outros desdobramentos em sua vida. Ele, que a princípio não apresentava angústia ou mal estar frente às faltas da mãe, ao corroborar o lugar da avó que cuida começa a queixar-se de sua ausência, dizendo que a mãe não se importava com ele. Na tentativa de dar algum contorno a essa angústia, José passa a falar mais sobre si, sobre o uso de drogas, sobre o medo de morrer e “ter a mãe sofrendo ao lado do caixão”.

O encontro com o real aparece não apenas na constatação de seu próprio desamparo, do inexorável da vida, mas remete também ao momento da puberdade no qual se encontrava e no relato frequente da morte de vários de seus amigos em razão do uso abusivo de drogas. Nesse ponto, o lugar da rua, do uso de drogas e da morte se constituía enquanto metáfora do tempo da puberdade no qual se encontrava, tempo de emersão do estranho, do que excede e é desconhecido frente à ruptura com o Outro e com o que lhe era familiar. Entretanto, a dispersão na rua vai dando lugar ao exílio da adolescência, mas também ao seu despertar: uma relação amorosa tem lugar na escola, espaço que agora frequentava e que pode lhe “despertar o interesse pela vida” (FREUD, 1910). Podemos localizar aqui uma “sintomatização” da adolescência?

Paralelamente a esse novo dizer e a essa nova tomada de posição, em que foi possível nomear um lugar de vida, outra cena se desenhava, dessa vez na tela de um computador. Uma

⁵ Este caso também compõe um artigo do Ebook “Direitos Humanos e Psicanálise”, da Coleção do 1º Congresso Internacional de Direito e Psicanálise, organizado pela Faculdade de Direito da UFMG, em 2018.

das atividades que José gostava de fazer era usar a “informática” em alguns espaços do bairro. Em um atendimento, a partir da pesquisa na internet por seu bairro, não encontramos informações ou imagens que correspondessem a sua expectativa. Apenas imagens que remetiam a outro significado do nome de seu bairro, ou a aglomerados indistintos.

Foi proposto a ele que me mostrasse sua casa e os lugares que frequentava no bairro, através do “Google Maps”⁶. Com seu endereço, encontramos sua rua e a imagem de sua casa, e a partir dela fomos “caminhando” juntos pelo bairro por meio de imagens das ruas e espaços que ele frequentava. Segundo Lacadée, “o sujeito, por meio de sua fuga e na sua errância, repete alguma coisa da ordem do gozo sem sentido. Não chegando a encontrar a fórmula [da existência], a solução de partir, de andar, se oferece a ele, às vezes sem objetivo, em busca da “verdadeira vida.”” (LACADÉE, 2011, p.32). A partir desse novo olhar, foi possível (re)conhecer os lugares aos quais pertencia, espaços de vida, que contavam e costuravam não apenas seu território, mas sua própria história.

⁶ Ferramenta de pesquisa de mapas e imagens da empresa multinacional Google.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desse texto finaliza com algumas respostas e muitos interrogantes. Partindo do encontro com esses meninos, a pergunta que foi tomando forma é se, para eles, o uso de drogas e da rua poderia ser uma tentativa de tratamento do desamparo original, revisitado na puberdade, embora produzam efeitos nefastos em suas vidas. Vimos também que alguns sujeitos com os quais nos encontramos na clínica não carregam insígnias fálicas no corpo, não apresentam uma questão clara sobre a sexualidade, pois a pulsão de morte se impõe à pulsão sexual, pulsão de vida.

Entendemos então que alguns sujeitos não fazem uma travessia clássica da adolescência, se é que podemos generalizar esse termo, pois se a puberdade está para todos, a adolescência nem sempre é a resposta sintomática encontrada por um sujeito. Podemos inferir que alguns deles não contam com a função paterna, com a função fálica, e encontram outras soluções, muitas vezes problemáticas, que colocam em risco suas vidas. Dito de outro modo e indo um pouco mais além, nos interrogamos se essas “escolhas”, em alguns casos, podem expressar uma recusa à adolescência, se a entendemos, com Stevens (2004), como sintoma da puberdade.

Como tentamos argumentar neste trabalho, a puberdade relança o sujeito na condição de desamparo que o atravessa enquanto ser falante, ressignifica o trauma do nascimento, tanto o que foi inscrito no inconsciente, o que é representável e deixa um traço, quanto o que não foi inscrito, que é da ordem da pulsão de morte, da energia não ligada, mais além do falo, não todo fálico.

Nesse sentido, o sujeito precisa fazer uma travessia por esse túnel a que Freud (1905) se refere, de modo figurado, como o caminho da infância à puberdade. Nesse túnel, o furo de ambas extremidades marca o vazio de sentido que se apresenta, tanto no nascimento quanto na puberdade, sobre a castração, mas sobretudo sobre o enigma que emerge da intrusão radical de algo tão estranho como é o encontro com o Outro. Portanto, em razão desse furo no real, a transição feita pelo sujeito é muitas vezes cheia de obstáculos, precisando de subterfúgios, artifícios, para dar conta de fazer essa passagem. São pequenas construções, frágeis, mas que de alguma forma sustentam esse sujeito ligado à vida.

Recolhemos da peça o despertar da primavera, de Wedekind (1891), a cena em que Melchior se encontra no final de sua vida com o homem mascarado e escolhe a vida e não a morte, diferente de seu amigo Moritz, que se mata após o encontro com a prostituta. Lacan (2003) afirma que tanto o homem mascarado quanto a prostituta são Nomes-do-Pai que o sujeito faz uso para amarrar seu sintoma, para se manter do lado da vida.

Cosenza aponta para a construção do véu como direção do acompanhamento, pois para fazer a travessia do segundo tempo, quer dizer, o tempo do despertar e do trauma na puberdade, é necessário, *a priori*, a existência do tempo um, do sonho e do véu. Entretanto, em alguns sujeitos, como nos adverte o autor, o primeiro tempo não tem consistência e, frente ao encontro traumático com o real da sexualidade na puberdade, esse recurso simbólico, fantasmático, não se apresenta disponível ou não é suficiente para o sujeito construir, a partir do vazio de saber, uma resposta sintomática que o ampare e o mantenha do lado da vida.

Se tomamos a puberdade como um segundo nascimento, e entendemos que no primeiro tempo do trauma ele não foi simbolizado de forma adequada, ou se o desamparo não foi sustentado por um Outro que nomeia “o grito”, que a princípio é da ordem da necessidade, mas com consequências na constituição psíquica do sujeito, fica evidente que esse segundo momento, o da puberdade, também não se sustenta e o que aparece é um vazio de representação que lança o sujeito para um mal-estar difícil de contornar.

Neste viés, a direção do acompanhamento destes casos pode tentar localizar, na história de cada sujeito, os Nomes-do-Pai possíveis que amarram o sujeito à vida. Aquilo que faz nó, que permite ao sujeito fazer um sintoma que suporta um laço com o Outro. Nos casos acompanhados tentamos ler qual é o Outro de cada sujeito, sendo que às vezes esse Outro precisa ser construído. Uma transferência, por exemplo, com um técnico ou com uma instituição pode funcionar como um Outro, ou como ponto de ancoragem que mantém esse sujeito enlaçado à vida, como agulha que costura a linha ao tecido da vida.

Lima (2020)⁷ afirma, entretanto, que são casos em que a entrada na adolescência pode não se dar, e a construção de um véu que encobre a inconsistência do Outro nem sempre é possível, porque o Outro se mostrou sempre de uma maneira muito inconsistente para esse sujeito. Nesse sentido, como ele irá apostar no Outro, acreditar no Outro, fazer consistir esse Outro?

Portanto, se nem sempre é possível construir um véu, ou um sintoma com seu suporte fantasmático, apostamos em construções auxiliares. Para Broide e Broide (2015), são os fios invisíveis, as ancoragens. Segundo Freud (1910), um interesse pela vida, um desejo de viver, uma maneira de vida. Segundo Lacan, o sentimento de vida, uma costura que possibilite ao sujeito sua existência.

Sendo assim, se o uso da fantasia não lhe alcança para permitir que um sujeito faça sua travessia pela puberdade, por entre as bordas dessa janela, outras construções auxiliares podem

⁷ Notas da aula da professora Nádia Laguardia de Lima, ministrada no dia 14 de setembro de 2020.

servir de suporte para manter algum laço com o Outro. Ao regar o jardim construído pelo sujeito possibilitamos que ele cresça, algumas vezes apenas com plantas jovens, que precisam de um suporte para que seu caule e suas folhas não se rompam com os ventos e as chuvas, mas porventura com suculentas, que suportam rega esparsa.

Apostamos que os “fios de vida” produzem um intervalo e permitem outro tipo de laço com o Outro. Esses espaços, enquanto pontos de ancoragem ou “janelas de escuta⁸” dão lugar a cada sujeito e seu saber sobre sua experiência, singulariza suas construções possíveis. Se não é a função paterna que funciona como margem à travessia do rio que é a adolescência, talvez seja na terceira margem do rio (ROSA, [1962]/(2005), que estes sujeitos encontrem um limite que funcione como borda ao corpo e que os mantém na via do rio, no fluxo da vida.

Nessa travessia da puberdade entre duas margens – a infância e a fase adulta – que nem sempre podemos nomear como adolescência enquanto um sintoma com envoltura fálica, podemos discernir um rio em que o curso d`água corre em outras direções. Esse ponto em que a puberdade, como a água que aflora ou brota na terra e faz surgir a fonte do rio, faz furo no corpo do sujeito e remete à nascente, à origem, ao novo. Enquanto alguns sujeitos seguem o fluxo do rio, por entre suas margens, e embarcam na adolescência, outros deságuam na imensidão do mar da puberdade, mas precisam construir e se amarrar na terceira margem do rio. Como no conto de Guimarães Rosa (2005), este rio tão grande que não se podia enxergar a outra margem, como a travessia da puberdade, em que um precisa se aventurar e às vezes se arriscar para encontrar onde se segurar. Qual a canoa escolhida por cada sujeito para fazer essa travessia?

Concluimos nosso trabalho com essa pergunta, sabendo que nossa pesquisa não esgota as possibilidades de leitura dos impasses que nos apresentam as adolescências contemporâneas. A construção e interpretação de cada caso leva em conta a transferência e o ponto de onde cada analista escuta um sujeito. Cientes disso, mas tendo em vista o conjunto de ideias apresentadas, apostamos que é importante legitimar algumas saídas encontradas por esses sujeitos púberes que não podem contar apenas com seus recursos simbólicos para fazer sua travessia pela puberdade, escutar suas construções auxiliares e pontos de amparo, “levantar ancora” e possibilitar outras ancoragens, a fim de evitar inclusive a morte ou a criminalização de situações particulares de vida. Entendemos que assim é possível sustentarmos, a partir da presença e do

⁸ Fazemos referência aqui ao dispositivo “Janela da Escuta”, idealizado pela médica pediatra e psicanalista Cristiane de Freitas Cunha, espaço inserido na Universidade Federal de Minas Gerais que, com sua aposta na construção do caso, dá voz e vida aos sujeitos que a ele recorrem.

desejo do analista, uma clínica que possa dar lugar aos bons encontros construídos por cada um, suportando o vai-e-vem de cada sujeito e costurando novas saídas e maneiras de vida.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. Global Editora: São Paulo, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Verbo Ser. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Menino Drummond**. Ilustrações de Angela Lago. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1973-2012.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1960-2017.

BROIDE, Jorge; BROIDE, Emília. E. **A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções**. São Paulo: Escuta, 2015.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Crônica 1**. São Paulo: Ática, 1996.

CORTÁZAR, Julio. **Rayuela**. Buenos Aires: Alfaguara, 1995.

COSENZA, Domenico. Iniciação na adolescência: entre mito e estrutura. **Agente: Revista de Psicanálise**. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise, v. 3, n. 9, 2015.

CUNHA, Cristiane de Freitas (Org.). **A janela da escuta: relato de uma experiência clínica**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

FREDA, Hugo. O adolescente freudiano. In: RIBEIRO, Heloisa Caldas; POLLO, Vera (Orgs.) **Adolescência: o despertar**. Kalimeros - Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.

FREUD, Sigmund. Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de “neurosis de angustia”. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1895[1894]-2007. 24v. v. 3.

FREUD, Sigmund. Proyecto de una psicología científica. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1895-2007. 24v. v. 1.

FREUD, Sigmund. Carta 52. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1896-2007. 24v. v. 1.

FREUD, Sigmund. La interpretación de los sueños. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1900[1899]-2007. 24v. v. 4.

FREUD, Sigmund. Tres ensayos de teoría sexual. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1905-2007. 24v. v. 7.

FREUD, Sigmund. Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis, In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1906[1905]-2007. 24v. v. 7.

FREUD, Sigmund. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1910-1996. 24v. v. 11.

FREUD, Sigmund. Cinco conferencias sobre psicoanálisis. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1910[1909]/2007. 24v. v. 11.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1914-1996. 24v. v. 13.

FREUD, Sigmund. Pulsiones y destinos de pulsión, In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1915-2007. 24v. v. 14.

FREUD, Sigmund. Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1916/1917-1996. 24v. v. 16.

FREUD, Sigmund. Conferência XXV: A angústia. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1916/1917-1996. 24v. v. 16.

FREUD, Sigmund. Más allá del principio del placer, In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1920-2007. 24v. v. 21.

FREUD, Sigmund. Inhibición, síntoma y angustia. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1926[1925]-2007. 24v. v. 20.

FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura, In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1930[1929]-2007. 24v. v. 21.

LACADÉE, Philippe. **O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2011.

LACAN, Jacques. **Jornadas de estudos dos cartéis da Escola Freudiana de Paris**. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, ano 1, n. 0: circulação interna, 1975-1983.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966-1998.

LACAN, Jacques. Prefácio a O despertar da primavera. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. **El Seminario, Libro 10, La angustia**. Buenos Aires-Barcelona-México: Paidós, 1962/1963-2007.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 6, O desejo e sua interpretação**. São Paulo: Zahar, 1958/1959-2016.

LIMA, Nádya Laguardia de. O saber e a sexualidade na adolescência: o que há de inédito no despertar da primavera. In: ALMEIDA, S.F. C e MEDEIROS, C.P (orgs). **Psicanálise Implicada. Educar e tratar o sujeito**. Curitiba: Editora Juruá, 2016.

MILLER, Jacques-Alain. Em direção à adolescência: intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança. **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eolia, n.72, 2016.

PAIS, José Machado. A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.18, n.3, 2009.

PEREIRA, Marcelo R. ¿Qué quiere un adolescente? Los límites del psicoanálisis y los múltiples modos de interpretar a ese sujeto. **Affectio Societatis**, v. 17, n. 32, mayo 2020.

RAMIREZ, Mario Elkin. **Despertar de la adolescência**: Freud y Lacan, lectores de Wedekind. Olivos: Grama ediciones, 2014.

RANGEL, Lucia Helena. Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 3, n. 5, ago. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831999000200019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 fev. 2021.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. São Paulo: José Olímpio Editora, 2005.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da educação**. Tradução, introdução e notas de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

SANTIAGO, Jesús. **A droga do toxicômano**: uma parceria cínica na era da ciência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SOLER, Colette. **Du parlêtre in l'en-je**. Toulouse: Érès, 2009.

STEVENS, Alexandre. Adolescência como sintoma da puberdade. **Curinga**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 20, nov. 2004.

STEVENS, Alexandre. Quando a adolescência se prolonga. **Opção Lacaniana Online**. Nova série, ano 4, n. 11, jun. 2013.

TIZIO, Hebe. El enigma de la adolescência. In: RECALDE, Marina (comp.). **Púberes y Adolescentes**: lecturas lacanianas. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2008.

TROBAS, Guy. Tres respuestas del sujeto a la angustia: inhibición, pasaje al acto y acting-out. **Logos 1**. Miami: Nueva Escuela Lacaniana; Buenos Aires: Grama ediciones, 2003.

WEDEKIND, Benjamin F. **O despertar da primavera**. Lisboa: Ed. Estampa, 1891-1991.